

# NÓS DA ESCOLA

RIO

**PREFEITURA** EDUCAÇÃO



**MULTIRIO**  
10 ANOS

## Sons nossos de cada dia



ISSN 1676-5141



9 771676 514269 00037



Jogos  
Pan-americanos  
Uma conquista  
da **PREFEITURA**.  
Uma vitória  
do **RIO**.

CESAR MAIA  
PREFEITO

SONIA MOGRABI  
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REGINA DE ASSIS  
PRESIDENTE DA MULTIRIO

MARCOS OZÓRIO  
DIRETOR DE MÍDIA E EDUCAÇÃO

MARIA INÊS DELORME  
DIRETORA DO NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E  
IMPRESSOS E JORNALISTA RESPONSÁVEL (MTB. RJ22.642JP)

MARCELO SALERNO  
DIRETOR DO NÚCLEO DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO

ÉLIDA VAZ  
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO E OUIDORA

#### CONSELHO EDITORIAL

ÉLIDA VAZ (ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO/MULTIRIO), LENY DATRINO (DIRETORA DO DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO/SME), MARCOS OZORIO (DIRETOR DA DIRETORIA DE MÍDIA E EDUCAÇÃO/MULTIRIO), MARIA INÊS DELORME (DIRETORA DO NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS/MULTIRIO), MARTHA NEIVA MOREIRA (EDITORA/NPI-MULTIRIO), RITA RIBES (PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO), SILVYA ROSALEM (ASSESSORA ESPECIAL DO GABINETE DA SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO)

#### CONSELHO DE COLABORADORES

CLÁUDIA REIS (4ª CRE), CRISTINA CAMPOS (NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS/MULTIRIO), CRISTINA SALVADORA FERREIRA (5ª CRE), GUILHERME F. DE A. DEGOU (9ª CRE), IRINEIA SIMONE CORTES TOURINHO (ASSESSORIA DE INTEGRAÇÃO/MULTIRIO) JOELMA DE SOUZA VIEIRA (8ª CRE), LETÍCIA CARVALHO MONTEIRO (6ª CRE), MARCIA ELIZABETH N. M. VICENT (7ª CRE), MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA (DGED/SME), MARIA TERESA L. M. COELHO (DIRETORIA DE MÍDIA E EDUCAÇÃO/MULTIRIO), MARIZE PEIXOTO (1ª CRE), NORMA SUELY (10ª CRE), ROSILENE ADRIANO MATTOS (2ª CRE), SOLANGE MARIA CAMPOS (3ª CRE)

#### EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: CRISTINA CAMPOS E JOANNA MIRANDA  
GERÊNCIA DE JORNALISMO: MARTHA NEIVA MOREIRA (EDITORA), HUGO RANGEL DE CASTRO E SOUZA (SUBEDITOR), RENATA PETROCELLI (EDIÇÃO DE TEXTO), FÁBIO ARANHA (REPORTAGEM), CAROLINA BESSA (REPORTAGEM), CÉSAR GARCIA (REVISÃO)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: ANTONIO CASTRO (GERÊNCIA E DIREÇÃO DE ARTE), GUAIRA MIRANDA (PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE), ALINE CARNEIRO (DIAGRAMAÇÃO), VIVIAN RIBEIRO (PRODUÇÃO GRÁFICA) ALBERTO JACOB FILHO (FOTOGRAFIA)

IMPRESSÃO: CIDADE AMÉRICA ARTES GRÁFICA  
TIRAGEM 36.500 EXEMPLARES





DESENHO DAS ALUNAS DIANA DE LIMA MAFRA (5 ANOS) E TAMIRIS REGINA RIBEIRO DE SOUZA (5 ANOS)  
ESCOLA MUNICIPAL DOM BOSCO

- 4 editorial
- 5 cartas
- 6 zoom  
Um som gravado na memória
- 8 ponto e contraponto  
Música com corpo e alma
- 13 carioca  
Clássicos da modernidade
- 15 século XX1  
Ensino cada vez mais perto
- 17 parceria  
O palco abre espaço à vida
- 19 pan 2007  
Inclusão social pelo esporte
- 21 rede fala  
Alfabetização: um olhar crítico
- 22 professor on line  
Registro histórico do Rio
- 23 caleidoscópio  
Escola. Que espaço é esse?
- 24 olho mágico  
Bonecos, jogos e brincadeiras
- 26 capa  
Ouvidos abertos à imaginação
- 32 artigo  
Sons, sentidos e significados
- 34 atualidade  
Aprendizado de democracia
- 36 presente do futuro  
Encontro de mão dupla
- 40 pé na estrada  
Tesouro na zona portuária  
Forma lúdica de aprender  
Histórias que viram livros
- 45 foi assim  
Trilha de história e riqueza
- 47 perfil  
Yes, nós temos Braguinha
- 48 agenda
- 49 tudoteca
- 50 MULTIRIO na TV

### Ludicidade, som, música

“Esses pequenos ruídos de que é feito o silêncio...”. Nessa frase, Graça Aranha resume uma importante faceta da percepção e da realidade humanas – estamos imersos em sons.



Sonia Mograbi  
Secretária municipal de Educação

A matéria de capa desta edição trata de um tema de grande valor para a Educação: de nossa relação com os sons que nos rodeiam – da música ao ruído, passando pelos sons da natureza, do organismo humano, dos sons que emitimos para transmitir emoções e mesmo desses sons “de que é feito o silêncio”.

Os sons precedem a nossa relação com a linguagem. Antes mesmo do nascimento, ainda no útero, estamos imersos nos sons do organismo materno. E, nos primeiros meses de vida, antes de compreendermos sua linguagem, percebemos, pela sonoridade da fala, seus diversos estados emocionais – alegria, tristeza, carinho.

A voz e a fala são instrumentos essenciais para a intervenção no mundo em que vivemos. Daí a importância de aprendermos a usá-las em toda a sua potencialidade. Nas reportagens, você poderá conhecer um pouco mais sobre o tema e sobre o trabalho de diversos profissionais que fizeram do som seu instrumento de trabalho.

A partir do tema, você poderá conhecer também o trabalho com a música nas escolas da rede municipal de ensino e os projetos voltados para essa questão.

Esse e outros assuntos de interesse estarão nas páginas deste número 37.

Não deixe de ler.

## Sintonize a MULTIRIO e assista ao NÓS DA ESCOLA



*Nova cenário  
Nova apresentadora  
Novas seções*

*Todas as quartas-feiras,  
às 14h, na BandRio, e  
reapresentação no  
Canal 14 da Net*



**Acesse [www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br) e confira a programação completa da MULTIRIO na Net, BandRio e TV Alerj**

## Educação física

Há três anos desenvolvo na escola em que dou aula o projeto Conhecendo Nosso Corpo Pela Ginástica Olímpica. Quem sabe possamos mostrar o resultado deste trabalho?

Ronaldo Miranda

Professor da Escola Municipal Brasil

**N. da R.** Toda e qualquer sugestão é sempre bem-vinda. Envie-nos uma pauta mais detalhada do projeto para fazermos uma avaliação.

## Cronograma

Quem quiser enviar algum artigo para a seção *Rede fala* ou sugestões de pauta para outras seções da revista fique atento aos prazos:

- Revista 40 (agosto) – texto pronto até o dia 12 de junho;
- Revista 41 (setembro) – texto pronto até o dia 14 de julho;
- Revista 42 (outubro) – texto pronto



- até o dia 10 de agosto;
- Revista 43 (novembro) – texto pronto até o dia 13 de setembro;
- Revista 44 (dezembro) – texto pronto até o dia 9 de outubro.

## Aniversário

A Escola Municipal Maximiliano, em Santíssimo, 8ª CRE, completou no dia 9 de março 30 anos. Parabéns à equipe!

**Quer saber mais sobre as produções da MULTIRIO?**

**Crônicas da escola**  
A partir do dia 2 de abril, a série Crônicas da minha escola está de volta à programação da MULTIRIO, com episódios inéditos. A produção mostra a rotina de alunos em diferentes países e destaca o papel da escola na construção da cidadania. O primeiro episódio apresenta uma escola de circo em Fortaleza.  
**Horário:** segunda (3), às 14h.  
**Canal 14 da Net:** quarta (5), às 13h; e sexta (7), às 9h.

**Revista nova**  
A partir do dia 9 de junho, o Portal das Notícias da Prefeitura de Rio de Janeiro estará disponível para a leitura e o acesso da Alemanha.

**Concurso**  
A edição 2008 do concurso de textos teatrais Tránsito - Droga de Cerveja está de volta em 12 de abril, às 9h30, no Centro de Referência da Educação Pública, no Sistema de Ensino da Prefeitura de Rio de Janeiro. O concurso tem como tema a educação, o uso das drogas e o divórcio.

**Documentos**  
Fornecemos a todos os professores, alunos e pais a oportunidade de registrar suas experiências, fotografias e vídeos em nossos blogs e blogs de outras escolas. Para mais informações, visite o site: [www.multiprio.rj.gov.br](http://www.multiprio.rj.gov.br)

**NOTÍCIAS DA MULTIRIO**

**Cadastre-se e receba gratuitamente, a cada semana, nossa newsletter. Mande e-mail para [ouvidoriainmultiprio@pcrj.rj.gov.br](mailto:ouvidoriainmultiprio@pcrj.rj.gov.br) ou ligue para 2528-8282.**

## ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para [multiprio\\_dpúb@rio.rj.gov.br](mailto:multiprio_dpúb@rio.rj.gov.br)  
Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.  
Visite nosso site: [www.multiprio.rj.gov.br](http://www.multiprio.rj.gov.br)

# Um som gravado na memória

Muitos de nós já participamos de peças de teatro, festas juninas, corais e apresentações de dança na escola, que como proposta pedagógica representaram experiências lúdicas marcantes. Por isso, é comum a gente lembrar de uma canção que tenha sido parte de uma dessas atividades e que hoje integra um pouco da história pessoal de cada um de nós. Para saber se realmente existe esta relação entre som e memória, NÓS DA ESCOLA foi às ruas perguntar: “Qual a música que lembra a sua escola?”



## **Aretuza Araújo, estudante**

— Eu me lembro mais de músicas infantis, como *Atirei o pau no gato* e *Ciranda, cirandinha*. Escutei no maternal e no jardim de infância. Depois ficava na rua com os amigos cantando e brincando de roda.

## **Denise Gonçalves, pedagoga**

— Só consigo me lembrar das músicas de festa junina, aquelas que tocavam para a gente dançar quadrilha. Era uma festa de que eu gostava muito. Aliás, eu me divertia tanto nesse tipo de festa na escola que acabei me tornando professora.



## **Lúcia Carvalho, secretária**

— *Ciranda, cirandinha* é uma cantiga que ninguém esquece. No meu tempo a gente já a cantava no colégio e ela nunca vai sair de moda. Minha filha de 15 anos também a escutava muito na escola quando era pequena. Acho que é uma canção que vai passar de geração a geração, vai existir sempre.



**Miguel Gonzalez, analista internacional**

— As músicas da banda Legião Urbana me fazem lembrar a escola. Lá havia uma festa uma vez por mês para os alunos, era uma discoteca para a gente dançar. *Eduardo e Mônica* é a que mais traz lembranças da época. Acho que eu estava na 7ª série quando a escutei.

**Cláudio Sousa, produtor de cinema**

— Eu me lembro muito de *Águas de março*, da Ellis Regina. Na sala do grêmio do colégio tinha equipamento de som e de TV. Eu era um dos representantes do Conselho e costumava colocar esta música para escutar. Por isso, ela me lembra muito aquela época.



**Maria de Fátima Nascimento, doméstica**

— Quando eu era pequena, lembro de cantar *Atirei o pau no gato*. Mas *Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones* foi a que mais marcou a fase da escola. É porque a gente participou de uma peça que tinha esta música, que falava da guerra. Representei o papel de soldado e no meio de uma cena uma menina começava a cantar a música. Se eu não me engano, estava na 4ª série.



**Ricardo Pereira, advogado**

— Bom, você começa no maternal escutando *Escravos de Jó* e segue escutando outras cantigas de roda na escola. Na fase que é hoje o ensino médio já tinha um pouco de música clássica. Eu me lembro que tive contato com *O trenzinho do caipira*, de Villa-Lobos. São essas as canções que lembram a minha escola.



# Música com corpo e alma

Do bairro de Sítio Novo, em Olinda, Pernambuco, Naná Vasconcelos carrega a essência, os sons do maracatu, a experiência da música nos cabarés, a brasilidade. Com tudo isso na bagagem, rodou o mundo, viveu em Paris e Nova York, tocou com músicos como Miles Davis, Pat Metheny e Paul Simon, integrou o grupo CoDoNa, top do jazz mundial, com o trompetista Don Cherry e o guitarrista Colin Walcott, e foi eleito sete vezes o melhor percussionista do mundo pela prestigiada revista americana *Down Beat*. No Brasil, tocou com Egberto Gismonti, Marisa Monte, Maria Bethânia, Gal Costa e Milton Nascimento. Sua música, muito mais conhecida no exterior que em seu próprio país, é fruto desta mistura. E nasce sempre da prática, desde que ele, ainda garoto, “aperreava” o pai, tocando nas panelas e penicos de casa. Hoje, aos 61 anos, tem penicos de ágata entre seus inúmeros instrumentos, muitas vezes construídos por ele próprio com elementos vindos da natureza. E não pára de pensar em música. Mesmo quando está cozinhando, um de seus passatempos prediletos. “Aprendi fazendo. Quando aprendemos fazendo, temos a chance de jamais esquecer, porque aprendemos com o corpo, com a vida”, ensina Naná. O corpo, aliás, também toca a música do percussionista, para quem a técnica só tem um sentido: assegurar a liberdade para brincar com os sons. “O primeiro instrumento é a voz e o melhor é o corpo”, sentencia Naná, que dirige anualmente o Percpan (Panorama Percussivo Mundial) e há cinco anos abre o carnaval de Recife com um encontro entre cerca de 500 batuqueiros de maracatu.

## O que há de técnico e de lúdico no seu trabalho?

A técnica é necessária para que suas idéias sejam realizadas na essência, e não de modo caricatural. Tenho técnica é com meus instrumentos, afinidade na relação com eles. Sou um músico improvisador. Quando as idéias chegam, elas saem claras, vêm no reflexo, na intuição. Isso só acontece quando há relação entre o corpo e o instrumento. A técnica é importante quando nos dá liberdade para brincar. Vejo minha técnica muito mais como a afinidade que tenho com meus instrumentos. Para cada um deles tenho um som orgânico, só meu, uma espécie de vocabulário sonoro, que,

misturado ao instrumento, se transforma numa terceira coisa. Então, minha busca técnica é sempre mais no sentido de encontrar o que posso misturar do meu organismo aos sons de cada instrumento.

De que forma suas origens [a vida no Recife, os sons do maracatu, a iniciação musical nos cabarés onde seu pai, violonista, tocava] influenciam sua música?

As raízes são minhas bases, sempre. Mas minha vida me envolveu em coisas inusitadas. De repente, me vi em lugares que não busquei, como o mundo da nata do jazz. Depois me envolvi com músicos

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

DIVULGAÇÃO/

HANS VON MANTEUFFEL

eletrônicos. Tudo isso foi uma escola para mim. Ouvi muito Villa-Lobos, que me ensinou o aspecto visual da música. O *trenzinho do capira* é imagem pura, ele constrói aquele trem e coloca você na janela, vendo as paisagens do Brasil. Com Jimmy Hendrix, aprendi que o instrumento não tem limitações. Ele fez com a guitarra coisas que não foram superadas até hoje. O Hermeto Pascoal transforma qualquer coisa em instrumento e dá a qualquer instrumento um uso diferente do convencional. Nisso tudo, o mais importante foi ouvir. Ouvindo, todo mundo pode encontrar seu próprio espaço.

Você viveu muitos anos fora do Brasil e conviveu com músicos de diferentes culturas, mas mantém vivo em sua música o sotaque brasileiro. O que isso representa para você?

Fiquei mais de 30 anos fora do meu país, mas nunca saí daqui. Sempre fui muito agarrado às minhas vivências, ao folclore. Minha intuição falou para não deixar isso de lado e foi o que fez a diferença lá fora. Mas não foi uma jogada de marketing, ninguém me ensinou isso. Foi a solidão que me ensinou. E a intuição. O Brasil tem grandes músicos intuitivos. O Egberto Gismonti estudou em Viena, mas escolheu a música brasileira em vez da erudita. Se tocasse música erudita, seria sempre comparado a alguém, mas, do jeito que é, é um músico único. No meu caso, o verde-e-amarelo está sempre na frente, apesar da experiência com músicos indianos, africanos, tibetanos, americanos.

O fato de ter a música na família influenciou sua trajetória?

Comecei a tocar no cabaré, com meu pai, aos 12 anos. Tinha até autorização do juiz, porque era uma criança. Isso depois de “aperrear” muito meu pai, tocando nas panelas e nos penicos lá de casa. Tocar em bailes é uma experiência incrível, uma bela escola de tocar simples. Aprendi música cubana, americana, música latina. A vida do meu pai era essa. Chegou um momento em que eu disse: “isso aqui não é para mim”. Até hoje estou querendo mais, não estou conformado. O músico tem que tocar aquilo que não sabe. O que já sei, já sei, fica pasteurizado. E acabei criando um timbre que é só meu, ►





misturo meus instrumentos, meu corpo, minha voz. As pessoas escutam meu trabalho e sabem: "isso é do Naná". Fui levado para uma mistura de individualismo e solidão que resulta em coisas que não se parecem com nada. Quando estava em Nova York, tentei montar uma banda. Os caras diziam: "Tá louco, vou subir no palco e o cara vai querer tocar no meu corpo". Os caras queriam fazer bossa nova, porque é mais fácil. Faço uma música brasileira que o próprio Brasil não conhece. Não faço música comercial, de três minutos,

não sou cantor, e a palavra sempre teve uma importância muito grande na música brasileira. Tanto que nossos principais movimentos musicais foram, em essência, muito mais poéticos que musicais, como a bossa nova e o tropicalismo. No dia em que minha música tocar nas rádios, principalmente aqui no Brasil, alguma coisa está errada. É por isso que, quando faço meus discos, estou sempre pensando em documentar esta música que não se parece com nada, para que fique um registro destas sonoridades.



Você já musicou filmes [como o norte-americano *Procura-se Susan desesperadamente* e o brasileiro *Quase dois irmãos*], peças teatrais e balés, toca com orquestras sinfônicas e cantores. Fez também os arranjos de percussão da série de animação *Juro que vi*, da MULTIRIO. Como vê o diálogo da percussão com estes outros elementos artísticos?

A música é visual. Procuo sempre dar ênfase a este lado que Villa-Lobos me mostrou. Gosto

de contar histórias, usar meus instrumentos para mostrar cenários do Brasil, o Brasil que o Brasil não conhece. Lá fora, quando abro concertos com o berimbau, atraio a curiosidade das pessoas. A princípio, elas vêem aquele cara no meio do palco, com um berimbau, e pensam que é um número de circo, ficam intrigadas. Aos poucos, vou mostrando os outros instrumentos, digo “vamos para a selva”, e a música leva a audiência a ver os cenários que estou criando. Acho que o diálogo vem da maneira como vejo a música, do tratamento que dou aos meus instrumentos ▶

e da relação com o corpo. Faço música, não apenas sons. Percussão não é batoque, é música. Toco percussão como se fosse uma orquestra. Pouca gente pensa em assistir a um show solo de percussão, porque as pessoas associam percussão a barulheira. Por outro lado, quando trabalho com um balé, faço os bailarinos emitirem sons também, levo todos os meus elementos para o trabalho. Recentemente, musiquei o espetáculo *Corpo de luz*, do balé Dança vida, de Ribeirão Preto.

### De onde vem a relação da sua música com o corpo?

Eu morava em Paris e trabalhava com crianças num hospital psiquiátrico infantil. Recebi grupos com problemas de coordenação motora, em 1972. Daí veio a idéia de mexer com o corpo. Eu tinha de entrar no mundo deles para poder ajudá-los. E é tudo integrado. Música é corpo e alma. Quando faço um bacalhau aqui em casa, estou fazendo música. A batata diz: "Eu vim lá da roça". E você já ouve a carroça vindo pela estrada esburacada. O azeite e a azeitona dizem: "Vim de navio". Aí tem o apito do navio, as ondas do mar... Você deixa os ingredientes lá na panela e eles ficam conversando. Isso é música. Hoje, quando faço meus *workshops*, ensino o entendimento de todos os ritmos a partir do corpo. Não uso instrumentos. Todos os ritmos estão entre um passo e outro.

### Dá para fazer música com tudo?

Agora mesmo, durante esta conversa, estou compondo aqui. Estou sempre rezando e pensando em música, num bar, no avião, nos lugares mais inusitados. Já tive rituais para estudar determinados instrumentos, como ter o estúdio arrumado, com incenso, flores... Mas às vezes não tenho tempo para isso, e o importante é me sentir em paz. Fabrico meus instrumentos com cimento, barro, numa relação direta com a natureza. Quando trabalho com crianças, mostro o berimbau, digo que veio da árvore, da cabaça. Mas isso não impede que eu me conecte com a geração eletrônica. Meus instrumentos continuam sendo orgânicos, étnicos, mas a música vai evoluindo. Você não pode fechar as portas para isso. Esta geração é muito bonita, porque está desmistificando muita coisa no mundo étnico. Hoje você vê mulheres tocando maracatu, universitários da Zona Sul do Rio de Janeiro subindo os morros. É muito bonita a mistura dos

garotos aprendendo a tocar música de raiz, colocando tudo no computador e misturando com as idéias deles. É daí que vem a grande criação na música brasileira hoje.

### O que ainda é mistério na música para você?

O mistério mesmo é o silêncio. O segredo do suingue é a simplicidade, a construção, a valorização do silêncio. Procuo sempre fazer com que o silêncio seja percussivo. Eu adoro mistério. Quero que a pessoa pare para descobrir, para encontrar um estado de paz no seu silêncio pessoal. O mundo tem esta necessidade de que as pessoas comunguem, no sentido de que um escute o outro. O sentido maior de tudo está na escuta. Então, mistério mesmo é a falta de comunicação. Mas este é um mistério da vida, não da música. Por que os seres humanos não conseguem celebrar as diferenças e exaltar as similaridades, ou vice-versa? Este é o mistério.

### Na sua opinião, qual é o potencial da música na educação e crescimento do homem?

Das artes, a música é a mais veloz. É aquele momento. Ela vai do silêncio ao grito, faz chorar, sorrir, dormir, respirar, pode consertar a dicção, unir as pessoas para cantar... A música tem o poder da unificação, do compartilhamento. Imagina juntar 500 batuqueiros de maracatu, que são concorrentes, num evento único, como faço há cinco anos. É preciso muita energia de unificação. É triste ver a música fora das escolas. Até o simples fato de cantar o *Hino Nacional* no pátio das escolas, que é um ato mínimo, tem um resultado enorme, porque exige postura, a música mexe com o corpo todo. O Villa-Lobos costumava dizer para o Getúlio Vargas que a música é mais forte que as armas. Num 1º de maio, ele conseguiu juntar uma orquestra de músicos com 40 mil crianças num estádio, cantando música folclórica. Cada estado nosso é uma África, uma Europa, e isso tem que ser valorizado. A música educa o corpo e a alma. E é captada com o corpo e a alma, o que é essencial para que nunca mais seja esquecida. Sempre que faço meus *workshops*, bato nesta tecla: só aquilo que se aprende com o corpo e a alma não é esquecido nunca. Quando aprendemos só pelos livros, sabemos inconscientemente que, se esquecermos, poderemos recorrer a eles. Mas se o aprendizado passa pelo corpo e pela alma, fica registrado para sempre. ■

# Clássicos da modernidade

Tesouros cariocas do período *art déco* podem ser vistos em prédios públicos e residenciais

Ao avistar o Cristo Redentor, além de admirar o símbolo mais importante da cidade, o carioca contempla a maior escultura *art déco* do mundo. Quando passa pela Avenida Presidente Vargas e repara o relógio da Central do Brasil, também vê *art déco*. Quando se lembra da antiga loja de departamentos Mesbla e sua majestosa torre no Passeio Público, vem à memória um edifício *art déco*. Quando, depois de um dia de trabalho, senta-se no Bar Luiz para uma *happy-hour* ou assiste a um filme no célebre Odeon, o carioca respira o melhor estilo *art déco*.

Não entrou em cartaz no Odeon, mas quem assistiu à recente refilmagem do clássico *King-Kong* viu o macaco gigante cair do Empire State Building, o arranha-céu nova-iorquino construído na década de 1930 em estilo *art déco*. A expressão *art déco* deriva do idioma francês, mais precisamente do nome da Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes, evento realizado em Paris no ano de 1925. O termo acabou

por batizar um estilo artístico, decorativo e arquitetônico surgido poucos anos antes, logo após a Segunda Guerra Mundial.

Caracterizado por desenhos simples, linhas precisas e riqueza de elementos decorativos – tentando conciliar requinte clássico com *design* moderno –, o estilo *art déco* ganha força nos Estados Unidos e na Europa da década de 1930. Na verdade, o diminutivo *art déco* só passa a substituir a denominação *art décoratif* em 1966, por ocasião de uma outra exposição realizada em Paris, esta contendo uma mostra sobre a arte dos anos 20, quando os adeptos do movimento se propunham a “manter a cultura das artes para a realização do belo no útil”.

A influência *art déco* chegou ao Brasil através da contribuição de pintores, decoradores e escultores do início da década de 1920 quando, no pós-guerra, intensificou-se o intercâmbio cultural com países europeus – especialmente com a França. ▶

TEXTO

HUGO R. C. SOUZA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



O Bar Luiz é um belo exemplo da arquitetura *art-déco* presente nos prédios do Centro do Rio



Dois ícones do período: a fachada tombada do Biarritz, no Flamengo, e o cinema Odeon, no Centro

No Rio de Janeiro, um grande número de profissionais influenciados pelo estilo *decó* projetou obras de grande importância histórica e arquitetônica. As referências são muitas. Além do Cristo, da Central do Brasil, da torre da Mesbla, e do Bar Luiz, outros exemplos são a Igreja da Santíssima Trindade, no Flamengo, o Ministério da Guerra, no Centro, e até alguns túmulos do cemitério São João Batista.

O *art déco* exerceu influência importante particularmente nas salas de cinema construídas entre o final da década de 1920 e o início da década de 1940. Iniciando sua consolidação enquanto forma de expressão própria da era industrial, o cinema vai buscar no teatro a inspiração para o

local de exibição. O Cinema Pathé, na Cinelândia, foi o primeiro a ser construído segundo a estética *déco* no Rio de Janeiro. Muitos, como o Roxy, em Copacabana, já foram descaracterizados. Outros já nem existem mais. O cine Odeon permanece como o maior ícone desse período.

O Teatro João Caetano é outro exemplo de uma construção originalmente em estilo *art déco* e posteriormente descaracterizada. Mas apesar de encontrar maior expressividade em prédios públicos e centros culturais, o *art déco* é quantitativamente mais representativo em edifícios residenciais e de escritórios do Rio de Janeiro, especialmente nos bairros da Urca, Copacabana – com o quarteirão *art déco* em torno da Praça do Lido –, Centro e Flamengo, onde está localizado o famoso Biarritz e o Tabor Loreto, ambos tombados.

Em 1928, o prefeito da então capital federal, Prado Júnior, convidou o francês Alfred Agache para elaborar um plano urbanístico para o Rio de Janeiro, chamado de Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento. Agache pensou a cidade a partir da idéia de sua expansão, propôs a construção do metrô e analisou problemas como enchentes, favelização e abastecimento de água para a população. A Revolução de 1930 engavetou sua proposta urbanística calcada nos princípios *déco*, mas fragmentos dela podem ser notados em alguns quarteirões do Castelo e do Centro da cidade.

O estilo *art déco* seguiu influenciando os arquitetos no Brasil e no Rio de Janeiro até um pouco antes da Segunda Guerra Mundial, período em que a referência cultural ainda se balizava nos países europeus. Depois disso, é a influência da cultura norte-americana que predomina. O princípio da decoração enquanto recurso para a arquitetura – de modo a atribuir um caráter específico para cada edifício – vai sendo abandonado. Mas hoje o carioca ainda pode ver por toda cidade vários prédios que resistem à era dos edifícios de vidro e caixotes de concreto, deixando para a cidade um legado de beleza e criatividade, resistindo às mudanças dos estilos de vida e de construção, quando até a palavra *toilette* passa a ser substituída por *WC*. ■

#### SAIBA MAIS

Guia da arquitetura art déco no Rio de Janeiro (Casa da Palavra, 2000.)

# Ensino cada vez mais perto

Educação a distância ganha espaço entre cursos superiores e de formação profissional

Um dos primeiros registros históricos sobre educação a distância remete ao ano de 1728, quando o professor de taquigrafia norte-americano Cauleb Phillips publicou anúncio no jornal *Gazeta de Boston* oferecendo lições pelo correio a quem quisesse aprender a técnica taquigráfica. Com o desenvolvimento do rádio e da televisão, a qualidade do ensino melhorou e o curso conquistou mais público, mas com o advento da internet e o constante aperfeiçoamento das tecnologias de informação e comunicação, suas características começaram a influenciar positivamente a educação presencial.

Sem querer destituir a escola como espaço físico imprescindível à socialização e convivência de crianças, adultos e adolescentes, a educação a distância (EAD) vem ganhando espaço entre os cursos de ensino superior e de formação profissional continuada. Graças às tecnologias da informação que propiciam a criação de um ambiente virtual de aprendizado interativo, a EAD deixou de ser vista como um processo solitário e opção apenas para quem não pode frequentar um curso presencial e passou a ser encarada como um processo solidário, uma construção coletiva e uma escolha equipada ao ensino presencial.

Para o coordenador de projetos da Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed), Marcos Telles, isso ocorreu porque a tecnologia foi posta a serviço da pedagogia. "Sempre que uma tecnologia é criada, nós a usamos para fazer coisas antigas. No começo, a internet foi usada para dar cursos como antigamente, sem que se criasse uma nova pedagogia para o ensino a distância", lembra. "Essa fase passou e agora há uma clara consciência de que a educação a distância, antes de ser a distância, é educação. Ela é quem deve comandar a tecnologia", completa.

Por utilizar as tecnologias como meio de transmissão do conhecimento, a EAD se apropria delas mais rapidamente do que a educação presencial,

evidenciando os benefícios que as novas mídias podem trazer ao ensino. É neste ponto que a EAD começa a influenciar a educação tradicional, revitalizando o papel do professor. "A educação a distância força o professor a rever a pedagogia, afetando os cursos presenciais. Se antigamente o professor lia livros e despejava palavras nos alunos, mandava-os decorar e dizia o que era certo ou errado, agora ele tem que deixar o aluno participar cada vez mais, passando a ser um mediador de conhecimentos", diz Telles.

Essa nova pedagogia, que concede ao educando maior participação no processo de aprendizado, vai ao encontro das demandas da sociedade do conhecimento e da informação, que exige que seus integrantes sejam indivíduos autônomos, indagadores e que saibam trabalhar coletivamente. E, que fique claro, não é o aposto "a distância" que contribui para essas características, mas a utilização das tecnologias de informação e comunicação. ►

TEXTO

IVAN KASAHARA, REPÓRTER  
DO PROGRAMA SÉCULO XXI

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO/  
ARQUIVO

## No país, cursos ganham espaço

A Abed estima que cerca de 310 mil brasileiros se beneficiem de cursos a distância. De acordo com o MEC, 166 instituições estão autorizadas a ministrar cursos em diversos níveis, como ensino médio, educação de jovens e adultos, graduação e pós-graduação. Para o secretário nacional de Educação a Distância, Ronaldo Mota, a EAD ganha cada vez mais espaço. "Embora seja típico desta área que qualquer inovação traga consigo um conjunto de resistências, não vejo em outros setores da educação algo que esteja sendo tão rapidamente rompido. Hoje temos acadêmicos da mais alta competência em todas as áreas vindo para a educação a distância", constata. O secretário diz que a EAD possibilita a ampliação do acesso ao ensino superior, além de outras vantagens. "Há a possibilidade de atender a uma demanda educacional urgente que é a necessidade de formação e capacitação de mais de um milhão de docentes para a educação básica, bem como a formação, em serviço, de um grande contingente de interessados que, em geral, estariam excluídos nas modalidades tradicionais de ensino", analisa. "À medida que a educação a distância e as novas tecnologias estimularem, de forma apropriada, o uso do que existe de mais avançado, a educação presencial terá impactos positivos, sem nunca substituir o docente ou menosprezar, no caso das crianças, a escola como espaço físico de socialização e convivência", ressalta Mota.



Um bom exemplo de como a interatividade pode ser utilizada na educação é o trabalho desenvolvido pelo Programa Rived (Rede Internacional Virtual de Educação), uma parceria das secretarias de Educação Básica e de Educação a Distância do Ministério da Educação. No *site* do programa ([rived.proinfo.mec.gov.br/](http://rived.proinfo.mec.gov.br/)), estão relacionadas 121 atividades multidisciplinares, divididas em 22 módulos, que têm como objetivo melhorar o processo de ensino e aprendizagem. As atividades remetem a situações do dia-a-dia de alunos e professores, facilitando a contextualização e a compreensão. Por enquanto, apenas o currículo de ciências exatas do ensino médio está representado, mas módulos sobre as ciências humanas e com conteúdo do ensino fundamental estão sendo desenvolvidos. “Hoje se vive em uma sociedade na qual os alunos, a todo momento, estão envolvidos com tecnologia” diz a pedagoga Anna Christina Nascimento, *designer* instrucional do Rived. “A sala de aula precisa se ajustar a esse ritmo de diferentes mídias. Você aprende com uma notícia, um livro, uma imagem, um vídeo. Nesse sentido, precisamos encorajar os educadores a agregar esses diferentes formatos. Usando várias

formas de informação, aumentamos a chance de atingirmos os alunos, que têm diferentes canais cognitivos”, completa.

O Brasil tem outros pontos que tornam a aplicação da EAD favoráveis, como suas dimensões continentais. A modalidade também pode ser utilizada como forma de reduzir o déficit de professores de educação básica e como ferramenta de inclusão digital. O MEC vem estimulando universidades a criarem cursos a distância e capacitando professores e, em 2005, criou a Universidade Aberta do Brasil, que pretende em parceria com estados e municípios ampliar e interiorizar a oferta de ensino superior no país.

Segundo Telles, a tendência para o futuro é de que não exista mais a distinção entre educação presencial e a distância. “Haverá uma fusão, não serão compartimentos estanques. Alguns cursos terão mais atividades presenciais, outros, mais atividades a distância. O que vai prevalecer é a idéia de ensino. E a capacitação do professor será essencial”, prevê. ■

# O palco abre espaço à vida

As pessoas sempre adoram contar e ouvir histórias. Não importa se verdadeiras ou não, o que conta é serem capazes de exprimir emoções universais e falarem sobre a busca pela vida ou a falta de sentido em viver.

Ao mostrar o ser humano afetado pela droga, o teatro abre espaço à comunicação que as pessoas mantêm consigo mesmas e com os outros. Ato não verbalizados podem se tornar visíveis na linguagem das ações. Medos, desesperos, fantasias, fugas, distrações, esperanças e conquistas podem ganhar consistência através da história contada pelos personagens.

Quando crianças e adolescentes se envolvem no empreendimento de criar e contar uma história que fala sobre questões viscerais de um

mundo moderno, que vive a era da ansiedade, podemos gerar espaço para que encontrem dentro de si competências especiais para se tornar visíveis em um projeto que é um aprendizado de reverência à vida, de que estamos aqui não para tirar o que quisermos do mundo, mas para oferecermos nossas habilidades e de alguma forma influenciarmos a construção consciente de uma vida melhor.

A sexta edição do concurso de textos teatrais Tirando a Droga de Cena, promovido pela Secretaria Especial de Prevenção à Dependência Química da Prefeitura do Rio, tem como proposta permitir que o jovem perceba que sua maneira de pensar – de como sente e expressa esses pensamentos – pode afetar mais pessoas do que imagina; que a leitura da realidade precisa ►

**TEXTO**

ROBERTO PEREIRA COELHO,  
OUVIDOR DA SECRETARIA  
ESPECIAL DE PREVENÇÃO À  
DEPENDÊNCIA QUÍMICA

**FOTOS**

ALBERTO JACOB FILHO



Alunos da Rede encenam uma das peças vencedoras na cerimônia de premiação

ser feita com discernimento entre o que traz e dá clareza e o que traz e produz distorções. É um exercício de disciplina, dedicação, responsabilidade.

Quando conseguimos compreender melhor o comportamento das pessoas, a maneira como escolhem e o que escolhem, em diferentes momentos de suas vidas, entendemos que a força de uma droga depende não somente das informações de que dispomos mas das motivações a respeito daquilo que é importante ou não na vida.

As relações familiares são parte de uma preocupação constante de quem lida com a prevenção ao uso de drogas. Se sei quem sou, aonde vou

<sup>1</sup> Refletir para prevenir

- Fique atento aos hábitos e postura de seu filho.
- Saiba sempre onde seu filho está e com quem anda.
- Negar uma situação-problema é o primeiro passo para que ela se agrave mais.
- O fracasso está em adiar a procura de solução.
- Você ouviu seu filho? Entende o que ele diz?
- Seu filho tem medo de você?
- Pense: que motivos seu filho tem para mentir?
- Confiança é algo que se conquista. Conquiste a confiança de seu filho.

e com quem estou, posso saber aonde posso e quero ir; como quero viver e com quem quero viver. As famílias que tiverem a oportunidade de fazer uma leitura dos textos originais das peças do concurso Tirando a Droga de Cena certamente terão a possibilidade de produzir questionamentos que as levem a refletir sobre a idéia de prevenção<sup>1</sup>. ■

## Nova edição do concurso

A Prefeitura do Rio, através das secretarias Especial de Prevenção à Dependência Química e Municipal de Educação, lançou no dia 12 de abril o 6º Concurso de Textos Teatrais Tirando a Droga de Cena. A cerimônia de lançamento do concurso ocorreu no Centro de Referência de Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro, na Avenida Presidente Vargas, 1314, Centro.

O concurso, dirigido ao ensino fundamental da rede municipal de ensino – alunos do ciclo até a 4ª série e alunos da 5ª a 8ª séries – tem como objetivo levar os estudantes a discutir em sala de aula e através das artes cênicas as conseqüências do uso de drogas e as diversas maneiras de fazer prevenção. A novidade este ano é a participação de mais duas categorias: os alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja 1 e Peja 2) das escolas da Rede.

Cada escola poderá concorrer com até quatro textos escritos por alunos em grupos formados obrigatoriamente por dois componentes. Os textos devem ser de autoria exclusiva dos participantes e orientados por professor da unidade escolar. Cada grupo deverá ter um professor orientador e o mesmo professor poderá ser orientador dos dois grupos concorrentes.

Os textos concorrentes deverão obedecer estritamente ao tema Prevenção ao Uso de Drogas, ter título diferente ao do concurso e ter características do gênero teatral, com diálogos, personagens e situações criadas pela imaginação do autor, abordando o tema proposto.

A comissão julgadora, que selecionará os melhores textos, é formada por membros e representantes das secretarias de Educação, Cultura, Assistência Social e Projetos Especiais, do Sindicato Nacional dos Tradutores e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, entre outros.



# Inclusão social pelo esporte

Vilas Olímpicas oferecem atividades esportivas e culturais a oito comunidades no Rio de Janeiro



Utilizar o esporte como fator de inclusão social. Este é o objetivo das vilas olímpicas da prefeitura do Rio, que atendem a áreas com alguns dos menores índices de desenvolvimento humano (IDH) do município. Nesses complexos, a população pode praticar esportes como atletismo, natação, basquete, vôlei, futebol, lutas e capoeira, entre vários outros. As vilas contam com equipes multidisciplinares de professores e profissionais que supervisionam as atividades esportivas. Ao todo, recebem um público de mais de 75 mil pessoas semanalmente. Nos fins de semana e feriados, elas são abertas às comunidades e servem como opção gratuita de lazer para mais de 26 mil moradores.

O município do Rio de Janeiro conta atualmente com oito vilas olímpicas. “Elas são o maior instrumento de integração que temos na cidade e possivelmente no Brasil. Elas utilizam o poder do esporte como agente educativo, promovem a saúde física e mental dos seus

freqüentadores e são uma opção de lazer saudável, na medida em que ajudam a diminuir a evasão escolar dos jovens, que melhoram o rendimento nos estudos. Elas representam a união dos princípios de esporte, lazer e educação”, ressalta o diretor técnico da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (Smel), Wagner Coe.

**Todas as idades** – Os complexos esportivos atendem a crianças, jovens, adultos e à população da terceira idade. Os idosos contam com várias opções de atividades, de atletismo e hidroginástica a tai-chi-chuan e dança de salão. As vilas têm como objetivo atrair as famílias para frequentar as suas dependências. No projeto Natação em Família, por exemplo, pais instruem os filhos sob a orientação de professores. Além da participação da família, a iniciativa também permite que um número maior de alunos possa ter aulas de natação, pois os responsáveis ajudam os professores na supervisão das crianças. ►

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



## SERVIÇO

### Endereços

- Vila Olímpica da Gamboa – Rua da Gamboa, s/n – Gamboa
- Vila Olímpica da Maré – Rua Tancredo Neves, s/n – Complexo da Maré
- Vila Olímpica Mestre André – Rua Marechal Falcão, s/n – Padre Miguel
- Vila Olímpica Carlos Castilho – Estrada do Itararé, s/n – Complexo do Alemão
- Vila Olímpica Clara Nunes – Rua Pedro Jório, s/n – Acari
- Vila Olímpica Oscar Schmidt – Antiga Estrada do Matadouro, s/n – Santa Cruz
- Vila Olímpica Ary Carvalho – Rua Paulino Sacramento, s/n – Vila Kennedy
- Centro Esportivo Miécimo da Silva – Rua Olinda Ellis, 470 – Campo Grande

Aberta há seis meses, a Vila Olímpica da Gamboa atende às comunidades dos morros da Providência e do Pinto, e dos bairros da Gamboa, Santo Cristo e adjacências. Atualmente, mais de 2.600 pessoas estão participando de oficinas de futebol, futsal, vôlei de quadra e de praia, basquete, natação, hidroginástica, capoeira, tênis e atletismo. Em breve também serão oferecidas oficinas de dança e música, já que em todos os complexos são oferecidas atividades culturais. Algumas unidades também contam com biblioteca, aulas de informática, manutenção de computadores e oficinas de vídeo.

Na Gamboa, a RioUrbe tem projeto de recuperar uma área de armazéns tombados pelo Patrimônio Histórico no interior do terreno ocupado pela vila e que será transformada em centro cultural com anfiteatro, salas de dança e ginástica olímpica. Em parceria com

a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) o programa Saúde da Família vai estar presente no local, beneficiando mais de mil famílias da área do Morro da Providência. Também estão em projeto a implementação de uma horta comunitária e de uma horta medicinal, que serão cuidadas pelos moradores das comunidades do entorno.

“A vila olímpica é uma extensão do trabalho do município junto à comunidade da Zona Portuária. Aqui fazemos um trabalho muito importante de inclusão social, de resgate da cidadania dos moradores. Quando você alcança crianças, jovens, adultos e idosos, você planta uma semente dentro dessa comunidade que vai render muitos frutos”, ressalta o diretor técnico da Vila Olímpica da Gamboa, Reinaldo de Lima.

**Integração** – As vilas olímpicas também buscam integrar os deficientes ao esporte, que recebem auxílio de profissionais especializados para atender a suas necessidades, e acompanhá-los. Hoje, são mais de 4 mil portadores de deficiências inscritos nos projetos esportivos e nas vilas do município. Eles têm acesso a praticamente todas as modalidades esportivas oferecidas e contam com fisioterapeutas a sua disposição. Além de educação física, também são oferecidas atividades socioeducacionais adaptadas às suas necessidades. O objetivo deste trabalho de inclusão social é educar e transformar a imagem negativa que muitas vezes os deficientes têm de si próprios.

A gestão das vilas é realizada em parceria com universidades. Assim, professores de vários cursos realizam pesquisas e implantam projetos e programas pedagógicos nos complexos esportivos. As instituições de ensino levam cursos de extensão para dentro das vilas e promovem a capacitação de profissionais e de agentes comunitários. A unidade pioneira nesta parceria foi a Vila Olímpica da Gamboa, que tem a PUC-Rio como co-gestora. A previsão é de que até o final do ano todas as vilas municipais estejam vinculadas a universidades. ■

# Alfabetização: um olhar crítico

Alfabetizar é o ato de ensinar a ler e escrever, mas questiona-se como desenvolver este processo diante de uma diversidade de crenças, métodos, teorias, fórmulas ditadas por diferentes autores e, ainda, diante de inúmeras realidades socioculturais presentes nas escolas.

Relatos de início de ano, de muitos professores, dão conta de que sua primeira preocupação é: de que forma alfabetizar? Qual metodologia usar? Quais os materiais a serem utilizados? E, por simples acomodação ou por sentirem-se inseguros e confusos, acabam por utilizar aquele velho diário de aula de outros anos guardado no armário da escola.

Devido a questões sobre o modo de alfabetizar, muitos dos professores acabam se esquecendo do alicerce principal que irá direcionar todo o seu trabalho pedagógico durante o ano, ou seja, estudar, analisar, fazer o diagnóstico social do educando, suas relações afetivas, seus valores, sua linguagem, sua cultura. Isso porque o aluno traz para a escola o seu conhecimento já adquirido, faz dela a continuidade da sua vida. Quando não aceitam e fecham portões, as escolas rompem com a realidade da comunidade, fazendo de si mesmas um depósito de conhecimentos sem sentido para os alunos. Ao abrir os portões da escola e ouvir os alunos, o professor irá conhecê-los, fazer o diagnóstico da turma.

O modelo sociopsicolinguístico a ser apresentado neste artigo considera a importância do social, afetividade e linguagem do sujeito envolvido no processo de aprendizagem.

No conjunto de princípios sobre a aprendizagem da leitura e da escrita devem-se considerar os seguintes pontos:

- aprender a ler é um processo de compreensão da linguagem escrita. A leitura, a escrita e a ortografia devem vir juntas;
- as crianças precisam formar uma noção de que os símbolos gráficos (a escrita) podem ser utilizados para representar coisas;
- aprender a ler é um processo de construção

que ocorre internamente. Embora isso seja individual, as interações com os colegas ou adultos são essenciais para construir a escrita;

- para que a leitura tenha significado é necessário que a criança seja capaz de associar o significado ao símbolo, e a melhor forma de fazê-lo consiste em usar a linguagem dos alunos como fonte do material escrito e não somente livros já prontos;
- os erros devem ser vistos como informações sobre as construções em relação à linguagem escrita e podem servir como base para intervenções instrucionais.

Observando a situação de um professor e uma criança que está aprendendo a ler ou escrever, verificamos que há esforços diferentes: a criança terá que compreender os significados da experiência à sua volta; já o adulto, o professor, tem os conceitos construídos. Dessa forma, ele agirá de forma interventiva na experiência do aluno.

O professor e o programa instrucional devem modelar ou explicar o conhecimento, não através da imposição de uma cultura social sobre a outra, mas, sim, de forma que a criança construa o próprio conhecimento interno do que é modelado. Portanto, isto é considerado apenas como um processo de transmissão da cultura (via professor) à criança. O trabalho do professor é o de modelar cuidadosamente o conhecimento à necessidade do aluno.

Em resumo, é importante ressaltar que o modelo sociopsicolinguístico crítico não é um método, pois método significa passos determinados a serem seguidos, como encontramos nas cartilhas escolares. Ele é, sim, um orientador para a prática do educador porque é inteiramente dinâmico e respeita as diferenças individuais e contextuais que cada criança traz para o evento da leitura e escrita – a alfabetização.

Não basta o leitor construir significado para o texto, é necessário também que ele entre em confronto com o texto, com as idéias do autor, com as suas intenções, e possa avaliar em que medida os dados escritos entram em contradição com a sua realidade. ■



**Elisângela Ortiz**  
Professora da E. M. Wan-Tuyl da Silva Cardoso; pedagoga com especialização em psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

# Registro histórico do Rio

Acervo do Arquivo Geral da Cidade está disponível ao público para consultas on line

**TEXTO** Documentos oficiais servem quase sempre como fonte de pesquisa nas aulas de história e de geografia. Professores interessados em saber um pouco mais sobre o passado do Rio de Janeiro podem consultar o *site* do Arquivo Geral da Cidade, no portal da prefeitura. Órgão da Secretaria Municipal das Culturas (SMC), o Arquivo foi instituído em 1567 e contém documentos preciosos da Câmara e da Prefeitura do Rio de Janeiro, além de documentos particulares de prefeitos, administradores, professores, engenheiros e personalidades que participaram da vida carioca.

CAROLINA BESSA

**FOTOS**

ALBERTO JACOB FILHO

bém as normas de consulta ao acervo, com informações sobre o que pode ser visto pelo público e o que é restrito pela legislação.

Há também uma área com perguntas e respostas para dúvidas dos leitores, como, por exemplo, onde localizar antigos diários oficiais da prefeitura, onde encontrar fotografias antigas sobre o Rio de Janeiro, ou como obter informações sobre imigrantes e imóveis tombados. Essas informações podem ser preciosas para quem quer dar uma aula diferente e enriquecer o conhecimento dos alunos com um pouco da memória da cidade.

**Prefeitos e vice-reis** – Quem tiver interesse em conhecer mais sobre os governantes do Rio de Janeiro também pode recorrer ao *site*. Além de encontrar o período de governo e o nome de todos os prefeitos do Rio, é possível saber também quem foram os presidentes da Câmara Municipal, os vice-reis do Brasil, os prefeitos do Distrito Federal (quando o Rio era a capital do país) e os governantes do antigo Estado da Guanabara.

Para não perder a viagem até a sede do Arquivo Geral, é possível verificar também o que está presente no acervo oral do órgão, como os assuntos relacionados em fitas cassetes. É possível encontrar registros de cerimônias e solenidades oficiais, concertos, shows, recitais, campanhas, debates, cursos e lançamentos de livros. Há ainda depoimentos, discursos, entrevistas, homenagens, palestras, congressos, mesas-redondas, fóruns e simpósios.

Quem quiser conhecer um pouco da trajetória do Arquivo Geral da Cidade, pode encontrar todos os detalhes na seção Histórico, à esquerda, no *site*. Lá é possível descobrir, por exemplo, que o órgão foi criado na época da fundação do Rio e servia apenas para guardar documentos da Câmara Municipal. E que o prédio do arquivo já se situou na antiga Praça da Aclamação, atual Praça da República, onde foi inaugurado o primeiro Paço Municipal para sediar a Câmara. ■

## SERVIÇO

Para acessar a página do Arquivo Geral da Cidade basta entrar no *site* da Secretaria Municipal das Culturas, no *link* do lado esquerdo ([www.rio.rj.gov.br/culturas](http://www.rio.rj.gov.br/culturas)) ou então acessar [www.rio.rj.gov.br/arquivo](http://www.rio.rj.gov.br/arquivo). O internauta que tiver alguma dúvida sobre o acervo do Arquivo pode enviar e-mail para [arquivog@pcrj.rj.gov.br](mailto:arquivog@pcrj.rj.gov.br). A sede do Arquivo Geral da Cidade fica na Rua Amoroso Lima 15, Cidade Nova. O horário de atendimento ao público é das 9h às 17h30 de segunda a sexta-feira. Informações: 2273-3141 e 2273-4582.



# Escola. Que espaço é esse?

Só a troca, o estudo, as conversas constantes e o planejamento coletivo respondem a esta pergunta

Reúnem-se nesse ambiente físico diferentes professores, oriundos de diversas regiões, grupos sociais, étnicos, culturais, que trazem conhecimentos, experiências e valores variados. O que os une? A educação, o ato de educar.

Educar é troca, é relação, é interação, é vida. Professores são cidadãos diferentes, mas que têm a mesma meta: fazer com que seus alunos elaborem conhecimentos relevantes para a vida cidadã.

Possibilitar aos alunos o acesso aos conhecimentos das diferentes áreas específicas (conhecimento escolar) é a função da escola. Sistematizando os conhecimentos espontâneos que os estudantes já possuem e favorecendo a constituição de novos conhecimentos, a escola contribui para que o indivíduo seja capaz de alçar novos vãos, traçar com autonomia seus próprios caminhos, desenvolver-se e integrar-se cada vez mais à sociedade, exercendo seus direitos e deveres de cidadão.

Que conhecimentos são esses? Como definir os mais relevantes e adequados a um grupo, a uma determinada comunidade?

É a partir das discussões que ocorrem no interior das escolas que eles serão definidos. Nos centros de estudo, nos conselhos de classe e nos diversos espaços de interlocução promovidos na unidade, os professores, em parceria com toda a comunidade escolar, irão definindo os rumos do trabalho pedagógico a ser desenvolvido. É necessário, no entanto, avaliar sempre esse processo e verificar as possíveis falhas, buscando novos caminhos para que o processo de ensino-aprendizagem tenha êxito.

Como fazer a inter-relação entre os conhecimentos das diferentes áreas específicas (língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia etc.)? Como garantir a articulação de uma série para outra? Como planejar para que o mesmo conteúdo seja apresentado de modo contínuo

e seja aprofundado, aumentando-se o grau de complexidade?

Só a troca, o estudo, as conversas constantes e os momentos de planejamento coletivo propiciarão respostas a essas perguntas. Elas não serão as mesmas para todas as escolas. O currículo escolar é, assim, elaborado em cada unidade escolar, pelo grupo que a constitui. Claro que para executar essa tarefa, a referência inicial será sempre a Multieducação. Mas o espaço de discussão e elaboração do projeto político-pedagógico e do currículo escolar é o da escola.

É fundamental que cada equipe gestora garanta a existência desses espaços. Os momentos de discussão coletiva visando à elaboração do plano de ação de cada escola devem ser considerados imprescindíveis e ocorrer sistematicamente.

A definição de que conhecimentos e valores serão trabalhados por um determinado grupo de professores com um certo grupo de alunos, a metodologia escolhida para que todos os alunos elaborem conhecimentos e o modo de avaliar esse processo deverão ser estabelecidos por toda a equipe da escola. No entanto, paralelamente à ação coletiva, deve ocorrer o planejamento individual, quando cada professor vai definir o seu plano de ação para a sua turma. As duas etapas são vitais para desenvolver um ensino de qualidade e possibilitar a aprendizagem de todos os alunos.

É importante que a escola procure desenvolver um trabalho de equipe, onde os alunos são responsáveis de todos os professores e não apenas do regente. Sendo assim, mesmo estando os alunos matriculados em uma determinada turma, isso não significará que esse professor, solitariamente, deverá ter todas as respostas para atuar com aquele grupamento, podendo buscar junto à equipe momentos de troca e estudo que o auxiliarão na solução das questões que vierem a surgir no decorrer do processo educacional. ■

## TEXTO

MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA, LENY CORRÊA DATRINO, MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES DA CUNHA E ANDREA FILIPECKI, DO DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO DA SME

# Bonecos, jogos e brincadeiras

MULTIRIO investe em nova série destinada a crianças com idades entre três e seis anos

Reunir bonecos, jogos, brincadeiras, cliques musicais, desenhos animados e cenas do cotidiano para abordar questões emocionais e afetivas da diversidade do universo infantil é a proposta do *UniDuniTv*, nova série que a MULTIRIO vai lançar em breve. O objetivo é encantar, entreter e contribuir para a educação e a cultura de crianças especialmente entre três e seis anos de idade. A produção vem sendo desenvolvida por profissionais de diferentes áreas – como diretores de TV, educadores, pesquisadores, animadores, entre outros.

“O *Uni, Duni, TV* apresentará uma abordagem ágil, divertida e contemporânea, revelando o vasto universo das curiosidades, desejos e ansiedades das crianças pequenas, que ao relacionarem-se consigo próprias, suas famílias, amigos, a natureza, a vizinhança, a cultura e

situações típicas da vida brasileira descobrem e interagem com alguns segredos da vida”, explica Regina de Assis, presidente da MULTIRIO e idealizadora da série.

Especialista em educação infantil, Regina sabe bem a necessidade de a TV oferecer produtos diferenciados para este público. Afinal, a TV exerce enorme fascínio e poder sobre o universo infantil. As crianças costumam ficar horas a fio diante de aparelhos de TV, muitas vezes assistindo desacompanhadas a programas destinados a outras faixas etárias. “Muitas das nossas crianças tornam-se reféns da baixa qualidade de grande parte da produção televisiva. É uma população de telespectadores bastante negligenciada pela TV. Em geral, o que se vê é o apelo ao consumo desde cedo, além da banalização da violên-

## De roupa nova

O programa *Nós da Escola* reestréia em maio, com um novo e moderno cenário. Leve, clara, colorida, suave e ao mesmo tempo arrojada, a nova roupagem da revista eletrônica semanal da MULTIRIO foi cuidadosamente desenhada para mostrar na TV, de modo transparente, o cotidiano das escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro. De quebra, além da plasticidade cenográfica, os telespectadores desfrutarão também da beleza e do carisma da apresentadora Fernanda Azevedo (nas fotos).

O material predominante no estúdio é o voal, “que não esconde nada”, como explica a diretora de artes do núcleo de TV e cenógrafa que assina o projeto, Ana Paula Cardoso. “Da linguagem à matéria-prima, tudo foi escolhido para revelar o que os professores fazem nas salas de aula”. Ana Paula destaca o que mais gosta no novo cenário: “ele é justo, honesto e franco com o espectador. A apresentadora se movimenta o tempo todo, assim como as câmeras, mas de qualquer ponto, o cenário é todo visto, tudo é muito explicitado”, acrescenta.

A nova estética, fortemente influenciada pelo pintor holandês Piet Mondrian, autor de obras repletas de

quadrados coloridos e assimétricos, e blocos segmentados de linhas retas e cores primárias, traça um paralelo com a revista impressa homônima. Mais do que rebater na TV o conteúdo da publicação, há uma sutil ligação entre ambas, com menção bem marcada ao ambiente escolar. “No cenário, há desenhos que parecem feitos por crianças. Eles também estão na revista e nos quadros de cortiça que todo professor tem”, esclarece Ana Paula.

Depois de cerca de um mês de gestação, o cenário mereceu elogios em seu primeiro teste de vídeo. Mexe daqui, remexe dali, chega-se ao casamento perfeito para a posição das placas, apresentadora, iluminação e câmeras. Diante da aprovação da produção, o cenário está pronto para passar por sua primeira desmontagem, “etapa tão importante quanto a primeira montagem”, segundo a cenógrafa. É que é neste momento que o teto do estúdio recebe as coordenadas de precisão cirúrgica para que na próxima semana a cena seja montada novamente tal como o espectador a viu no programa anterior.

cia e das relações entre as diferentes gerações, a mediocridade das narrativas transformadas em desenhos animados importados, distantes da nossa rica diversidade cultural e de nossos valores”, analisa.

A partir da observação atenta desta realidade, profissionais da MULTIRIO passaram a se dedicar ao projeto, com o objetivo de proporcionar às crianças um produto de qualidade, recheado de sensações de surpresa e alívio, com muito humor e linguagens inovadoras e atraentes. “Estamos aplicando, com a SME [Secretaria Municipal de Educação], nossos melhores esforços na criação e produção de quadros, protagonistas e recursos audiovisuais”, acrescenta Regina.

Para a primeira temporada da série estão previstos 10 episódios temáticos de 13 minutos cada, e formato múltiplo, com bonecos, jogos, brincadeiras, entre outras atrações. “Nossa proposta é trabalhar as questões emocionais e

afetivas, constituir valores e privilegiar a diversidade”, explica o roteirista Luiz Eduardo Ricon, assessor do Núcleo de TV, Rádio e Cinema da MULTIRIO.

A diretora Herminia Bragança, que até o ano passado cuidava da direção da série *Abrindo o Verbo*, destinada ao público jovem, se diz animada com o desafio de trabalhar para crianças de tão pouca idade. “Estamos buscando dar a este programa uma cara alegre e bem colorida. Para tanto, a pauta está aberta à linguagem e à estética da fantasia, da brincadeira”, explica.

Em todos os episódios o cotidiano das crianças ganhará a telinha. Medos, indagações, conquistas, descobertas e desafios são assuntos que *UniDuniTV* retratará no nível de compreensão de crianças da educação infantil. Mas é bom ressaltar que a proposta não é ensinar a contar ou a soletrar. O que se pretende é realizar um programa de TV divertido, informativo, e sobretudo interessante para o seu público-alvo. ■

TEXTO

ÉLIDA VAZ E

ALESSANDRA SAUBERMAN

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



cluck!

chub!  
chub!

Trillim!!!  
Trillim!!!

bipi!  
bipi!

chuss!  
chuss!



pop!!!

PNAC...  
PNAC... PNAC...  
PNAC... PNAC... PNAC...  
PNAC... PNAC...

VRUUUUM

PLÉÉINI!

AU!AU!AU  
AU!AU!AU

Miaui!  
Miaaui!

tóing!

toal toal  
toal toal  
toal toal  
toal toal

blá...blá...  
blá... blá... blá...  
blá... blá... blá...  
blá...blá...

CRECII!

BZZZZZZZZZZ

cri...cri...cri...  
cri...cri...cri...cri...  
cri...cri...cri...cri...  
cri...cri...cri...

# Ouvidos abertos à imaginação

Glória era criança de colo, mas não se esquece das visitas com o pai à farmácia onde trabalhava o escritor Érico Veríssimo, que sempre lhe recitava poemas. Ela carregou o gosto pelos versos vida afora e passou-o à filha, herdeira também de sua escolha profissional. Fernando não tinha nem 10 anos quando começou a encontrar sons no chão, nas paredes, no próprio corpo... Já David só há pouco “descobriu” que o mundo não se resume a notas musicais. Também cercado de músicos desde cedo, Roberto aprendeu a tocar um instrumento tão naturalmente quanto articulou suas primeiras palavras. Os amigos adolescentes de José, por sua vez, não achavam nada natural seu gosto pela música erudita, pressionando-o para que ouvisse os *hits* da época. E Stella não imaginava que pudesse fazer música sem o auxílio de um instrumento musical – ao menos não um instrumento convencional. Além de vívidas recordações sonoras, os personagens acima, que desvendam fazeres e pensamentos ao longo desta matéria, têm em comum o fato de dedicarem suas vidas ao som, em suas mais variadas formas. Para todos eles som é trabalho, mas também fonte de prazer e terreno de férteis descobertas. Com a maioria dos seres humanos, nem sempre esta relação é tão intensa ou perceptível, mas o som está sempre lá – no barulhento trânsito da cidade grande ou no estrilar dos grilos no campo, na voz de alguém que se ama ou no rádio que acompanha as atividades diárias, na música que se contempla em concertos ou na que se entoa em uníssono com os cantores populares, e até no silêncio, em que manifesta sua ausência.

Vivemos em ambientes marcados pelos mais diversos estímulos sonoros. Sons nos chegam a todo instante, de inúmeras fontes e de nós mesmos. Através deles aprendemos, interagimos, expressamos sentimentos e emoções. Com eles nos emocionamos, nos acalmamos ou nos irritamos, embalamos nossos filhos e alimentamos recordações. Eles estão em nossos rituais, dão cor a nosso lazer e emolduram os acontecimentos cotidianos, mesmo quando estamos distraídos de sua existência. Em silêncio, ainda assim conversamos sozinhos usando imagens sonoras, ou descobrimos sonoridades até então imperceptíveis.

Nossas primeiras percepções sonoras nos vêm antes mesmo de nosso contato com o universo de sons que nos cerca. Na vida intra-uterina, somos embalados pelas batidas do coração do organismo materno, verdadeira caixa de ressonância. Chegados ao mundo, tratamos de saudá-lo com um choro estridente, deixando clara nossa capacidade de intervir nele. José D’Assunção Barros, professor do Conservatório Brasileiro de Música, destaca já ser consenso entre os pesquisadores que o ser humano apreende primeiro a música, e só depois a linguagem. “Não a música em sentido estético, mas como forma de comunicação. Um bebê ▶

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

percebe se a mãe está sendo carinhosa ou energética pela musicalidade de sua fala. As palavras não significam nada para ele. Mesmo assim, é capaz de compreendê-la perfeitamente”<sup>1</sup>, explica o professor, que se orgulha de ter feito do gosto pela música erudita sua profissão depois de resistir à já citada pressão dos amigos na adolescência.

Para José, o ambiente musical que tinha em casa foi extremamente determinante. O exemplo mostra a importância da atenção ao som na educação. Glorinha Beuttenmüller, uma das mais renomadas fonoaudiólogas do país, diz que a criança deve ser educada sonoramente “desde o dia em que nasceu” para que desenvolva a própria voz, espelho de seu estar no mundo, e para que aprenda a se comunicar da melhor maneira possível. A certeza vem de sua experiência de vida. Glorinha foi a privilegiada ouvinte de Érico Veríssimo e se autodenomina uma “dizadora de versos”. Dizendo versos ela desenvolveu e aprimorou o gosto pela palavra. Ensinando versos, trouxe à cena um grupo de deficientes visuais do Instituto Benjamin Constant, na década de 70, ganhando as capas dos jornais do Rio de Janeiro na época. “Mostrei que através do aspecto tátil da palavra e do som eles podiam se movimentar perfeitamente num palco”, recorda Glorinha. Sua filha, Vânia Beuttenmüller, cresceu ouvindo os versos ditos pela mãe e acabou seguindo seu caminho: também é fonoaudióloga. “Precisamos conversar com os bebês, ainda que eles não falem. É assim que a criança vai armazenando palavras para seu desenvolvimento”, explica Vânia<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>A idéia é compartilhada por José Miguel Wisnik, que afirma, em *O som e o sentido – uma outra história das músicas*: “(...) a voz da mãe, com suas melodias e seus toques, é pura música, ou é aquilo que depois continuaremos para sempre a ouvir na música: uma linguagem em que se percebe o horizonte de um sentido que no entanto não se discrimina em signos isolados, mas que só se intui como uma globalidade em perpétuo recuo, não verbal, intraduzível, mas, à sua maneira, transparente” (p. 30).

<sup>2</sup>Vânia Beuttenmüller ensina o que fazer quando a criança, ainda pequena, erra ao articular as palavras: “Não é bom apontar o erro e corrigir. O ideal é repetir corretamente a palavra dita pela criança, encaixando-a novamente na conversa. Se a criança percebe que está sendo criticada, pode se retrair e até modificar sua personalidade, tornando-se mais introvertida”.

De fato, a voz e a fala são dois dos principais instrumentos do homem para interferir sonoramente no mundo. Saber usá-las em toda a sua potencialidade é condição importante para seu desenvolvimento e bem-estar. Em mais de três décadas de profissão, Glorinha vem trabalhando em prol da comunicação e da imitação vocal de artistas, apresentadores, radialistas e quaisquer pessoas que pretendam tratar ou aprimorar sua expressão vocal. Vânia e ela aplicam o método Espaço-Direcional Beuttenmüller, criado ao longo de mais de 10 anos de pesquisas e iniciado justamente quando Glorinha trabalhava com os deficientes visuais. Uma deficiente que preparava uma palestra pediu sua ajuda com a seguinte recomendação: “Não me ensine o que é o sol, porque o sol tem calor e eu posso sentir. Mas a lua eu não sinto”. Passado o impacto inicial, Glorinha leu a palestra e descobriu palavras como “respingos”. A saída foi tentar materializá-las. “Molhei minha mão e deixei a água cair sobre ela, dizendo: ‘respingos’. Nascia ali o método. A palavra é som, forma e movimento, e não apenas uma escrita morta. A fala é a escrita que acorda”, ensina Glorinha.

**Forma e movimento** – Como a palavra definida por Glorinha, todo som é forma e movimento – porque se propaga em ondas, mas também porque significa, provoca, emociona, move, enfim. Em nosso dia-a-dia, esbarramos em vozes diversas, melodias simples e complexas, sons que traduzimos em música e ruídos que nos assustam, surpreendem ou importunam. A muitos deles prestamos atenção, de inúmeros outros sequer nos apercebemos. O que para uns é a mais bela das melodias, para outros soa feito unha arranhando na parede. Em *Música, cérebro e êxtase – como a música captura nossa imaginação*, Robert Jourdain esclarece: “Na física, o som, na verdade, não passa de vibrações. Mas, em psicologia, o som é uma espécie de experiência que o cérebro extrai do seu meio ambiente (...) Quando vislumbramos, algumas vezes, um fragmento de melodia na canção de um pardal, ou um fiapo de harmonia na cantilena das baleias, são nossos cérebros e não os deles que descobriram uma oportunidade para serem musicais” (p. 21-2).



DIVULGAÇÃO

Podemos concluir que cada ser humano vive uma experiência muito particular em relação aos sons. Como um livro, que só completa seu sentido com a participação ativa do leitor, também o som ganha formas e cores distintas em cada cérebro. Músico do grupo Boca Livre, David Tygel sabe bem o que significa isso. David é aquele personagem que só “via” notas musicais. Filho de pianista, cresceu ouvindo duos e trios na sala de sua casa. Aos 16 anos, já era músico profissional. Há cerca de 30, começou a trabalhar com trilha sonora para cinema e só então passou a se interessar por sons em geral. “No cinema, você é obrigado a entender que sua música é invadida por cães, buzinas, portas batendo... Se for para o cinema esperando ouvir meu CD, dou um tiro na cabeça”, brinca David. A experiência se ampliou e David fundou a Audiogames, empresa que faz sonorização para jogos eletrônicos. Sons aparentemente desconexos, ruídos e sonoridades diversas ganharam papel ainda mais importante em seu trabalho. “Antes, minha experiência com o som era música pura. Hoje é mais que isso”, conclui David.

Assim como David, que aprendeu a fazer música apesar dos ruídos, ou até mesmo com eles, muitos são os músicos contemporâneos que dialogam com sons aparentemente não musicais. Mas como, afinal, definir o que é música e o que é ruído? Um

barulhento show de rock pode ser um torturante ruído para ouvidos dedicados à música clássica, enquanto um solo de violino pode irritar um jovem fã de uma banda estrepitosa. José Miguel Wisnik nos apresenta a seguinte definição: “A natureza oferece dois grandes modos de experiência da onda complexa que faz o som: frequências regulares, constantes, estáveis, como aquelas que produzem o som afinado, com altura definida, e frequências irregulares, inconstantes, instáveis, como aquelas que produzem barulhos, manchas, rabiscos sonoros, ruídos” (p. 26).

José D’Assunção ressalta, no entanto, o caráter histórico e cultural da distinção entre o som dito musical e o ruído. Assim, cada civilização tem seu próprio conceito do que é música. Como exemplo, D’Assunção cita a surpresa de alguns pesquisadores europeus diante da música produzida pelos índios brasileiros nos primeiros anos após o Descobrimento. Para os europeus, a música indígena não passava de um amontoado de sons desafinados. “Na verdade, era uma civilização com outros padrões de escala. Ela tinha notas que para nós podem soar como desafinação, simplesmente porque nosso ouvido não está habituado àquele sistema”, esclarece o professor, que também cita a música concreta. “O compositor vai à rua, pega o som do trânsito, de uma britadeira, ►

o correr das águas, o canto dos pássaros, leva para o estúdio e os trabalha como sons musicais”, cita. Por mais que a distinção seja tênue e ambígua, um ruído só pode ser definido como som musical quando é trabalhado esteticamente.

**Sons do corpo** – Trabalhar ruídos esteticamente é algo que Fernando Barba nem sabe dizer ao certo quando começou a fazer. Era ele quem, pouco antes dos 10 anos, batucava chão, paredes e o próprio corpo em busca de sonoridades diversas. A brincadeira de criança se transformou em trabalho e hoje Barba é um exemplo muito bem acabado das possibilidades múltiplas da mistura entre som e ludicidade. Foi depois de passar pelo curso de Música Popular da Unicamp que ele percebeu que poderia fazer música com o velho hábito. Oficinas de percussão corporal, trocas de experiências e o diálogo com outras formas de arte resultaram no Barbatuque, grupo que conta atualmente com 12 integrantes. Com palmas, estalos, batidas no peito, sapateados e efeitos de voz, eles produzem composições próprias e adap-

tações, mostradas em shows e CDs. “Trabalhamos com um resgate do que a criança faz com o corpo. Ela busca sonoridades, aprende, descobre. Há uma possibilidade de que essa brincadeira não termine nunca”, define Barba.

Stella Antunes é outra que encontrou no próprio corpo seu instrumento musical, embora, em criança, não imaginasse possível fazer música sem utilizar um instrumento convencional. Bailarina e coreógrafa, Stella faz questão de dizer que produz música também. Não à toa, deu a seu grupo o nome de Orquestra Brasileira de Sapateado. Em atividade há mais de 20 anos, a companhia produz, com direção musical de Tim Rescala, espetáculos nos quais o sapateado atua como instrumento de percussão. “O sapateado também é escrito em partitura, como todos os outros instrumentos. Sempre digo que somos músicos e o sapateado, nosso instrumento”, ressalta Stella.

Encontrar o espaço da descoberta e da experimentação é um excelente caminho para misturar som e ludicidade, nas escolas, em cursos de iniciação musical ou no dia-a-dia da educação familiar. Brincando, cantando, produzindo e ouvindo sons desenvolvem-se a fala, a coordenação motora, a percepção, a escuta, a concentração e inúmeras outras habilidades essenciais ao crescimento e ao bem-estar do ser humano. “Em primeiro lugar, é uma possibilidade de explorar e conhecer o próprio corpo. Depois, vem a comunicação com os outros e com o mundo”, destaca Barba. Para Stella, a possibilidade de aliar o sapateado à criação de histórias, às músicas que a criança já conhece e à descoberta dos sons é uma grande ferramenta no desenvolvimento criativo. “É um incentivo à imaginação da criança. O som tem uma importância crucial na nossa vida e é maravilhoso quando as pessoas percebem e investem nesta relação”, opina Stella.

**Ondas sonoras** – Perceber e investir no potencial lúdico e criativo dos sons é uma tarefa que pode trazer mais cor e movimento às escolas. Não só pelos benefícios do trabalho com a percepção musical, mas sobretudo porque o interesse natural da criança pela música pode abrir as portas para a curiosidade nas mais variadas áreas. “Uma sequência rítmica é matemática, enquanto um passo

## A música na Rede

Além das aulas e oficinas de música, a rede municipal de ensino conta com diversos projetos culturais envolvendo música. Para José Henrique de Freitas Azevedo, o objetivo é dar aos alunos a oportunidade de experimentar o fenômeno musical em toda a sua essência. “A gente canta o dia inteiro. Por que não aproveitar esta energia e vivenciar mais a música?”, questiona. A Divisão de Educação Fundamental mantém os seguintes projetos relacionados a música:

- **Capela Magdalena – Reaprender a ouvir** – Uma visita guiada à capela de afrescos medievais e renascentistas, com uma aula-concerto que beneficiou, em 2005, 1.651 alunos de 44 escolas.
- **Ciranda de Espetáculos** – Em 2005, o projeto Ciranda de Espetáculos levou 26.921 alunos a sete diferentes espetáculos musicais.
- **Escola de Bamba** – A música é parte essencial do projeto, que leva a escola de samba mirim da Rede ao Sambódromo na sexta-feira de carnaval, com 3 mil integrantes. O samba-enredo é composto pelos próprios alunos e um mestre orienta os integrantes da bateria.
- **Fecem** – O Festival da Canção Escolar do Município do Rio de Janeiro (Fecem) incentiva a produção musical dos alunos e a torna pública em três etapas, realizadas, respectivamente, pelas escolas, CREs e pelo E/DGED/DEF – Projetos Culturais. Em 2005, participaram 917 alunos.
- **Orquestra de Vozes Meninos do Rio** – Parceria das secretarias de Educação e Cultura do Rio, a orquestra conta com mil alunos e cerca de 27 professores regentes.



pode ser a noção da gravidade”, exemplifica Barba. Tendo a música como pano de fundo, pode-se falar de história, matemática, física, português... O estilo da música remete a diferentes épocas e locais, sua notação, à matemática, sua letra, às línguas e sua propagação, à física. Um verdadeiro convite à interdisciplinaridade, com sabor de brincadeira.

Mas isso ainda não é tudo. Levar para a escola as experiências e gostos musicais dos alunos pode ser uma forma de promover sua auto-estima e ainda ensinar-lhes conceitos como o respeito à diversidade e a importância da escuta e da troca de experiências. São estes os princípios que norteiam o trabalho de educação musical desenvolvido na Escola Barão de Santa Margarida, da 9ª CRE, pelos professores Roberto Stepherson e Marcos Melo. Roberto é o personagem que faltava no quebra-cabeças de recordações sonoras que propusemos no começo desta matéria. Ele garante que começou a tocar instrumentos musicais de modo tão natural quanto aprendeu a articular suas primeiras palavras. Tudo isso graças a uma família em que o pai, sanfoneiro, fazia da música elemento tão importante quanto a fala. Hoje, Roberto procura valorizar a experiência particular de cada um de seus alunos. “Imagina um aluno da Mangueira, que cresceu cercado de sambistas. Vai chegar aqui tocando pandeiro muito bem. A escola não pode pôr isso de lado e querer que ele aprenda violão, ou notação musical. É nosso papel aproveitar ao máximo a bagagem de cada um”, frisa Roberto.

A primeira tarefa proposta aos alunos de Roberto e Marcos é levar para a escola o tipo de música de que mais gostam. “Trabalhamos a escuta musical, deixamos cada um à vontade para expor seu gosto e, às vezes, chega algo diferente do *funk*, do *rap* ou do pagode, trazidos pela maioria. Ai mostramos que existem outros tipos de música e que todos devem ser respeitados”, explica Roberto. Os próximos passos são jogos musicais e, por fim, os parâmetros musicais, como ritmo e harmonia. Mas tudo perpassado pela experiência dos próprios alunos. E, na medida do possível, com a colaboração de outros professores. “Em 2005, nosso tema foi o *hip-hop*, que apareceu nas aulas de história e de línguas”, exemplifica o professor. Fora das salas de aula,

a rede municipal de ensino também investe na música. Entre os projetos culturais tocados pela Divisão de Educação Fundamental (DEF), cinco envolvem a música. O articulador de projetos culturais da DEF, José Henrique de Freitas Azevedo, atribui o fato à grande musicalidade do país. “Nossos alunos têm uma diversidade musical impressionante, convivem com harmonia do forró à música clássica, passando pelo samba e pela bossa-nova”, argumenta (*ver box sobre os projetos da Rede envolvendo música*).

**Ao sabor do tempo** – Música barroca, samba, jazz, música renascentista, chorinho, música eletrônica... Não só os estilos e os padrões musicais variam em função das culturas e das épocas. Também o papel da música ganha novos contornos em cada civilização. Quem chama a atenção para este fato é o professor José D’Assunção, citando, mais uma vez, o exemplo de tribos indígenas. “Em muitos desses grupos, a música não é algo para ser contemplado num palco. Todos são músicos e usufruidores da música, que está presente na maioria dos rituais, em contato com a natureza e com os ruídos habituais da vida”, esclarece o professor. Em nossa civilização, a música ganhou papel de espetáculo e os músicos, ▶

#### SAIBA MAIS

- *O som e o sentido – uma outra história das músicas*, de José Miguel Wisnik (Companhia das Letras, 1989).
- *Música, cérebro e êxtase – como a música captura nossa imaginação*, de Robert Jourdain (Objetiva, 1998).

aura de artistas. Mesmo assim, a forma de se relacionar com ela pode ser distinta. Num concerto de música erudita, a platéia permanece sentada e em absoluto silêncio, enquanto num show de rock ela canta, dança, pula, grita... Em casa, o ouvinte pode ter um ritual próprio para ouvir seu compositor favorito, ou simplesmente ter música sempre ao fundo, seja qual for a atividade que estiver desempenhando. Usamos a música para acalmar, energizar, embalar, lembrar, ninar, alegrar, celebrar, orar ou lamentar. “O que é seu papel pode variar, mas a música sempre desempenhou um papel fundamental na vida de todos os seres humanos e de todas as culturas. Ainda não se encontrou uma sociedade sem música”, assegura.

A afirmação é endossada por Robert Jourdain, que afirma: “A descoberta de flautas de osso, em moradas pré-históricas, sugere que o desenvolvimento musical tem sido prioridade cultural há dezenas de milhares de anos (...) Lamentavelmente, não foi inventado nenhum sistema de notação eficiente que trouxesse os sons dos antigos para nossos ouvidos de hoje” (p. 385). Se, por um lado, os ouvidos de hoje não podem

muito além de imaginar os sons de seus primeiros ancestrais, podem, por outro, relacionar-se com a música de um modo até pouco tempo inimaginável. A evolução das tecnologias levou a música para dentro dos telefones celulares e condensou milhares de melodias num aparelhinho minúsculo, o *i-Pod*, sonho de consumo dos adolescentes contemporâneos.

Mas não é só a forma de ouvir música que vem mudando com a tecnologia. O modo de fazer música também é outro, pela intervenção de modernos aparatos computadorizados e pelas inúmeras possibilidades de diálogo entre estilos que dificilmente chegariam a se encontrar não fosse o poder da comunicação. “De um computador, você pode acessar música da Índia, do Paquistão, do Senegal... Hoje há grupos japoneses de chorinho e cantoras fazendo sucesso com bossa nova em japonês. É por isso que nosso século é o da diversificação musical”, celebra D’Assunção.

Além dele, dois de nossos personagens têm uma vivência intensa da relação da música com as novas tecnologias. Em 2001, a Orquestra Bra-

## Sons, sentidos e significados

LEILA BLANCO\*

A sonoridade ocupa um lugar muito importante no mundo, por estar presente em todos os espaços e tempos que experimentamos. Podemos evocar vários tipos de sons porque pertenceram e deram sentido afetivo ao momento vivido. Há sons que nos permitem lembrar bons e maus momentos de brincadeiras do período escolar, das festas de que participamos, dentre tantos momentos importantes na nossa constituição. Também, muitas vezes sentimos saudade ou nostalgia quando ouvimos um telefone tocar, uma melodia..., um tipo específico de buzina, o barulho do trem nos trilhos, a chuva na janela ou o zumbido da brisa.

Os ruídos, quando imbricados nos sentidos e significados que vamos construindo na inserção social acompanham nossas trajetórias e inundam nossas vidas, embebendo nossas memórias. Há sons que pela intensidade, volume ou mesmo timbre nos espantam e assustam; há os que nos acalmam; alguns nos aborrecem sem que entretanto tenha sido neces-

sário aprendermos sobre eles. Há sons que fazem parte dos códigos que utilizamos para a comunicação. O sinal de encerramento das aulas, os diferentes toques dos telefones e a sirene da ambulância são exemplos de sinais sonoros que nos informam sobre situações que merecem nossa atenção e para isso precisamos aprender seus significados.

As crianças que ouvem vão aos poucos construindo os sentidos e significados de tudo o que escutam, selecionando os ruídos que merecem atenção, percebendo e discriminando diferenças e semelhanças e principalmente orientando-se no espaço pela percepção do lugar que origina o som, pela duração e pela intensidade ouvida. A aprendizagem do ouvir é cultural como todas as outras aprendizagens humanas.

As crianças surdas também podem e devem aprender sobre os barulhos que inundam os ambientes. Para aprender, entretanto, precisam muito mais de nossa ajuda. O mundo dos

sileira de Sapateado pôs em cena o *mid tap*. Criação da companhia, é um sapato ligado a um *sampler* que transforma os passos dos artistas em melodias tocadas por diferentes instrumentos. "Foi um longo processo de pesquisa. A tecnologia permite transformar os passos de dança em sons que vão muito além da chapinha na madeira", avalia Stella Antunes. No trabalho com a Audiogames, David Tygel não pára de descobrir novos sons, sempre tendo a tecnologia como aliada. "Trabalhamos com sonoridades criativas, inventando sons que não existem. O som de um grilo registrado quatro oitavas abaixo vira o urro de um bicho pré-histórico", exemplifica. O casamento dos *games* com a música, aliás, é um bela marca do diálogo entre sons e tecnologia. Para David, a sonorização é parte essencial na criação do contexto proposto pelos jogos. "As sonoridades contextualizam a situação temporária e geograficamente. Usamos instrumentos pouco conhecidos, comuns em países distantes. O resultado é uma sonoridade estranha, que as pessoas não associam a nada. Assim, a música ajuda a criar uma maneira bem específica de perceber a realidade", explica.

As possibilidades, portanto, são infinitas. E só fazem crescer à medida que o homem se dispõe a atuar ludicamente sobre os sons. Descobrir novas sonoridades, explorando o corpo, a voz e a natureza, dialogar com outras culturas e interferir no silêncio são formas de afiar a imaginação e os sentidos. Em casa e nas escolas, música é sinônimo de vida, curiosidade e descoberta. Inspirados pelos personagens que compõem esta matéria, podemos nos perceber capazes de brincar como *DJs* com o próprio corpo, como propõe Fernando Barba, acreditar e investir nos próprios gostos, como José D'Assunção, fazer música com instrumentos nada convencionais, como aprendeu Stella Antunes, povoar de palavras o imaginário de nossas crianças, como aconselha Vânia Beuttenmüller, ver de outra maneira os sons do mundo, como David Tygel, e valorizar a música que cada um tem dentro de si, como prega Roberto Stepherson. Sonorizar a vida com arte, enfim. E nunca deixar de brincar com ela, como ensina Glorinha Beuttenmüller: "Quando eu trabalhava no Instituto Benjamin Costant, estava no corredor e ouvi a diretora dizer a um aluno: 'Vai lá para a aula de recreação da Glorinha'. Na mesma hora respondi a ela: 'Feliz do professor que faz da sua aula uma recreação'". ■

barulhos pode parecer caótico quando não reconhecemos os sentidos e significados atribuídos socialmente a cada uma das seqüências que aparecem no emaranhado de outros sons presentes no ambiente. É preciso auxiliar a criança surda, dentro de suas possibilidades, a conhecer e usufruir o mundo sonoro. Os sons que servem à comunicação são elementos culturais a serem lembrados na educação da criança surda.

É brincando que as crianças surdas aguçam a curiosidade sobre os ruídos que percebem, sobre suas combinações e funções no mundo. É brincando com agudos e graves, com o silêncio e o ruído, com ritmos e repetições, que elas começam a descobrir que o mundo também pode ser organizado, representado ou previsto pela sonoridade produzida e comunicada. Entretanto, as brincadeiras que ensinam a reconhecer as informações culturais presentes na linguagem sonora, precisam ser organizadas para que cumpram o seu papel.

Dar objetos sonoros para que a criança surda trabalhe solitariamente não irá ajudá-la a lidar com o som. Precisamos criar situações em que os brinquedos sonoros tenham significado ao mesmo tempo em que favorecem o desenvolvimento. As brincadeiras de faz-de-conta são muito úteis para isso. Aí está, como em tudo a ser aprendido na escola, a importância do professor e da intencionalidade das experiências e práticas pedagógicas planejadas. Para que a aprendizagem sirva ao desenvolvimento infantil é necessário muito diálogo sobre as comparações vividas, sobre os sentimentos obtidos com as situações, sobre as oportunidades de utilização dos conteúdos que estão sendo aprendidos. É preciso o envolvimento atento para chamar atenção, reproduzir e interferir suave, mas definitivamente, nas relações que a criança estabelece com os objetos de conhecimento.

\*Diretora do Instituto Helena Antipoff

# Aprendizado de democracia

A escola exerce um papel central na formação política e democrática do jovem e do adolescente

Escolher os governantes é um direito constitucional de qualquer cidadão brasileiro e o voto é o instrumento que melhor define esse exercício de democracia. É através dele que elegemos nossos representantes no Executivo e no Legislativo. Apesar de obrigatório apenas a partir dos 18 anos de idade, muita gente considera importante o adolescente de 16 anos tirar seu título de eleitor e votar, mesmo não tendo obrigação. Mas será que esse jovem está preparado para tanta responsabilidade? A partir de que idade ele deveria exercer esse direito?

O voto facultativo, isto é, antes dos 18 anos, foi instituído com a Constituição de 1988. No ano seguinte, época da primeira eleição direta para presidente da República depois do período da ditadura, veio a público um intenso movimento para que jovens a partir de 16 anos votassem. Conhecida por “Se liga, 16”, a campanha ganhou as ruas e é editada a cada quatro anos pela União Brasileira de Estudantes Secundaristas (Ubes). Naquele ano mais de 3,5 milhões de jovens até 20 anos foram às urnas no país.

Protagonista da primeira campanha veiculada em TV, a assessora parlamentar Manuela Pinho acredita que de lá para cá muita coisa mudou, principalmente no que diz respeito ao acesso à informação. Com a internet e a grande oferta de jornais, revistas e outros meios de comunicação, inevitavelmente, os jovens estão mais antenados e, gostando ou não de política, têm conhecimento dos principais assuntos que tratam dos rumos do país.

O voto a partir dos 16 anos é tido como importante pelos educadores para fortalecer a democracia e amadurecer o adolescente como ser político. “Não tenho dúvida de que a prática é a melhor forma de desenvolver o senso crítico, a participação política”, opina a professora Regina Müller, da equipe de Projetos de Extensão, do Meio Ambiente e Saúde da Secretaria Municipal de Educação (SME).

A pesquisa, realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em 2002, sob o título *A voz dos adolescentes*, revelou que o número de jovens em idade de votar corria o risco de diminuir naquele ano. Isso porque, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), no pleito de 2000, 43% dos adolescentes entre 16 e 17 anos de idade possuíam título de eleitor. Mas em 2002 somente 38,6% deles haviam tirado o documento.

A pesquisa realizada com 5.280 jovens de 12 a 17 anos de idade, de todas as regiões do país, mostrava que por trás dos números havia desconhecimento e desinteresse dos eleitores na faixa etária em que o voto é facultativo. Segundo os resultados, 41,3% disseram que não participariam das eleições daquele ano porque achavam que não tinham idade para votar e 21,9% sabiam que já tinham o direito de ir às urnas, mas não gostavam de política.

Outro caminho apontou o estudo *Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas*, coordenado pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Públicas (Polis), realizado no ano passado com 8 mil jovens, entre 15 e 24 anos de idade, moradores de sete regiões metropolitanas do país. Os resultados mostraram que 65,5% dos entrevistados procuravam se informar sobre política, mas sem participar diretamente. Desses, 64,7% consideravam que os políticos não representam os interesses do povo, ainda que vissem na participação política forte alternativa para a conquista de seus direitos.

De acordo com a pesquisadora do Ibase, Patricia Lânes, não foi feita uma abordagem por faixa etária, já que os grupos de estudo se situavam entre os 15 e 24 anos de idade. Para ela, eleitores de 16 e 17 anos não têm menos condições que os mais velhos de participar do proces-

TEXTO

CAROLINA BESSA

so eleitoral, já que estão conscientes dos problemas sociais brasileiros. “Quando pedimos para mandarem recado para os governantes – e isso foi antes das denúncias de *mensalão*, já que a pesquisa foi concluída no início de 2005 –, eles falavam em honestidade, mais atenção ao povo e mais verbas para resolver problemas sociais. Essas não são questões conjunturais, mas estruturais”, ressalta.

Na avaliação do presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), Thiago Franco, os estudantes ficaram mais amadurecidos e mais interessados em política depois dos recentes acontecimentos nacionais. “Hoje os espaços de participação popular são maiores. E quando falamos da juventude percebemos que ela participa bastante”, acredita o dirigente estudantil, referindo-se à criação de secretarias e órgãos voltados para políticas públicas para a juventude, como a Secretaria Nacional de Juventude, do governo federal, e o Conselho Nacional de Juventude.

Para Regina Müller, neste ano, provavelmente o foco dos debates irá girar em torno de corrupção, devido aos escândalos recentes envolvendo o esquema do *mensalão*. Entretanto, ela acredita que é preciso romper uma barreira de que corrupção e política são palavras que querem dizer o mesmo. Na avaliação de Manuela Pinho, os fatos recentes realmente podem causar uma redução no número de votos facultativos como consequência da desilusão. “A cada possibilidade de corrupção é possível que se observe uma retração mesmo, principalmente entre pessoas que não têm nenhuma obrigação de votar”, observa.

Para reverter uma situação semelhante a esta, apontada pela assessora parlamentar na eleição de 2002, o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) desenvolveu o projeto Eleitor do Futuro, com o objetivo de sensibilizar o jovem para questões como a discussão dos direitos das crianças e adolescentes assegurados por lei, o desenvolvimento do espírito de cidadania e a conscientização sobre ética na política.

Na ocasião, foram propostas atividades como palestras e seminários nas escolas, visitas de alunos

à sede do TRE e a zonas eleitorais e eleições simuladas entre jovens de 10 a 15 anos. Para este ano, a Ubes pretende contar com o apoio dos tribunais eleitorais para facilitar o alistamento eleitoral dos estudantes dentro das próprias escolas, além de repetir as atividades realizadas em pleitos anteriores. De acordo com TRE, em 2005, tiraram o título de eleitor no Rio de Janeiro 95.327 jovens de 16 anos e 163.354 de 17.

**Participação** – O interesse pela política pode ser despertado de várias outras maneiras. O estudo do Ibase e do Polis aponta caminhos diversificados para a participação do adolescente não só na vida política – em entidades estudantis, organizações não governamentais (ONGs), sindicatos, partidos políticos e movimentos sociais – mas também no voluntariado (campanhas de doação de alimentos, recreação com crianças pobres e hospitalizadas, por exemplo) e nas chamadas formas autônomas de participação, como em grupos esportivos, artísticos, musicais, religiosos e de comunicação.

Os mesmos jovens acreditam que nenhuma forma de participação isolada dá conta de transformar a realidade da nossa sociedade, e que a junção dos três caminhos apontados acima seria a solução dos problemas sociais no Brasil. Um dado interessante desta pesquisa mostra que 28,1% dos jovens participam de grupos ou associações. Desse total, as principais atividades são de cunho religioso (42,5%), esportivas (32,5%) e artísticas (26,9%). Já as atividades estudantis fazem parte do cotidiano de 11,7% dos entrevistados; as relacionadas à melhoria do bairro em que vivem, de 5,8%; e as político-partidárias, de 4,3%.

De acordo com Patrícia Lânes, esse estudo reforça a tese de que a escola tem um papel fundamental na vida dos jovens brasileiros. A escola é um ambiente que pode desenvolver as potencialidades de participação dos alunos e ensiná-los a aprender a olhar para a diversidade da vida, criar espaços formais e informais, para que os alunos não tenham vergonha de se expressar e, ao mesmo tempo, se sintam mais responsáveis diante das questões que permeiam a vida na nossa sociedade. ■

# Encontro de mão dupla

Escola deve enfrentar resistências e superar obstáculos para abordar o tema adoção



O acolhimento de crianças e adolescentes por famílias que não respondem por sua origem biológica faz parte da trajetória humana desde os primórdios da sua história. Durante muito tempo, os sentidos dessa outra forma de estabelecer relações de paternidade, maternidade e filiação estiveram associados predominantemente ao intuito de suprir a carência de casais sem a possibilidade de gerar filhos. Mas mentalidades e legislações são frutos de sua época. Hoje, a preocupação institucional e da sociedade em torno da ideia de adoção é sobretudo proporcionar um futuro digno a órfãos e abandonados, através da construção de um vínculo afetivo com possibilidades de superação do vínculo biológico<sup>1</sup>.

Ao mesmo tempo, o tema da adoção continua permeado por mitos, preconceitos e tabus que acabam gerando receios no imaginário das famílias em condições de acolher uma criança ou adolescente, marcando o processo com medos muitas vezes desnecessários, que contribuem para mistificar um instrumento legítimo para amenizar o drama da falta de afeto e do amor familiar, da pobreza e da exclusão. Além disso, a desmistificação da adoção é necessária para desconstruir preconceitos em relação à figura da mãe considerada desalmada por abandonar o filho e em relação ao direito constitucional à con-

vivência familiar – muitas vezes entendido de forma restrita à convivência com a família biológica.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê em seu artigo 19 que “toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes”. No artigo 41, o ECA diz que “a adoção atribui a condição de filho ao adotado, com os mesmos direitos e deveres, inclusive sucessórios, desligando-os de qualquer vínculo com pais e parentes, salvo os impedimentos matrimoniais”. Na busca dos pais por um filho adotivo e na expectativa da criança de

<sup>1</sup> “Todos os filhos são biológicos e todos os filhos são adotivos. Biológicos porque essa é a única maneira de existirmos concreta e objetivamente, e adotivos porque é a única forma de sermos verdadeiramente filhos”.  
Luiz Schettini Filho

<sup>2</sup> Café com Adoção – grupo de apoio dirigido às famílias constituídas por via da adoção e àquelas que estão na fila de espera. Acontece mensalmente com reuniões abertas na 1ª Vara da Infância e da Juventude do Rio de Janeiro, na Praça XI de Junho, 403 - Centro - Rio de Janeiro. Tel.: 2503 6371 / 2503 6372  
[www.cafecomadocao.hpg.ig.com.br](http://www.cafecomadocao.hpg.ig.com.br)

TEXTO  
HUGO R.C SOUZA

FOTO  
QUINTAL DA CASA DE ANA/  
DIVULGAÇÃO

encontrar uma nova família, o Judiciário aparece como intermediário desse encontro.

Segundo a psicóloga Solange Diuana, a adoção vem oferecer legalmente, de forma irrevogável e irreversível, uma família para crianças e adolescentes órfãos ou abandonados, lembrando que, no Brasil, a maioria das crianças entregues à adoção vem da situação de abandono:

“Se acontecer o encontro entre uma família que deseja um filho e uma criança que necessita de uma família, através da adoção existirá uma troca afetiva importante que certamente representará uma nova chance para a criança seguir seu desenvolvimento e ter um futuro digno. Vejo a adoção como um encontro de mão dupla, com afetos recíprocos, onde adotantes e adotados se adotam”. ►

## ‘Os abrigos devem ser uma medida de proteção transitória’

Presidente da Associação de Terapia de Família do Rio de Janeiro e autora do livro *Mitos e segredos sobre a origem da criança na família adotiva*, a psicanalista Cynthia Ladvoat ressalta a necessidade de ampliar o leque da adoção para além do tripé bebê, branco e menina e adverte que menores de idade vivendo em instituições fere o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Quais os problemas mais comuns quando o processo assume algumas especificidades, como adoção tardia, inter-racial, internacional, de portadores de necessidades especiais ou por homossexuais?

– A adoção de crianças mais velhas ainda é pouco freqüente no Brasil, embora a maioria dos meninos e meninas que chega aos abrigos tenha entre oito e 12 anos de idade. Segundo a Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 12 mil crianças foram adotadas por casais estrangeiros nas últimas duas décadas. Antes de 1990, a adoção internacional era mais freqüente. De acordo com a 1ª Vara da Infância e Juventude, antes da vigência do ECA, crianças a partir de dois anos de idade só eram adotadas por estrangeiros. As campanhas de sensibilização divulgadas na mídia colaboram para a adoção tardia e a desmistificação dos preconceitos. O trabalho dos Grupos de Apoio à Adoção visa ampliar a adoção de bebês, geralmente brancos e de preferência meninas, para a adoção tardia, inter-racial, de grupo de irmãos e as necessárias às crianças portadoras de alguma deficiência. A orientação sexual dos postulantes não interfere na adoção. Os casais homoafetivos não têm a sua união reconhecida pelo nosso código civil, portanto não podem adotar em conjunto; um ou outro parceiro pode adotar como postulante solteiro.

De que forma a mídia costuma tratar a questão da adoção? Há falta de informação para o cidadão comum?

– De uns anos para cá a imprensa tem se interessado pela adoção e outras questões sociais. Infelizmente, pouco se divulga a adoção de crianças grandes, já que o perfil da criança desejada atinge a faixa etária de menos de dois anos de vida. Mas em geral as matérias têm tido a preocupação de divulgar e orientar a população em geral. A temática tem sido abordada por profissionais da área, focando a questão do abandono, da negligência e dos problemas que levam as famílias a perderem a guarda de seus filhos. As discussões giram em torno da necessidade de políticas públicas visando crianças que vivem em situação de risco. A sociedade precisa estar atenta para o fato de que crianças e adolescentes vivendo em instituições fere os direitos preconizados no ECA. Os abrigos devem ser essencialmente uma medida de proteção transitória, e não de longa duração ou definitiva, para crianças em situação de risco ou abandono.

Existem experiências de adoção que acabam não dando certo? Por que isso acontece?

– Como os pais são preparados para a adoção através do trabalho dos técnicos dos juizados, espera-se que essa taxa de adoção malsucedida seja quase igual a zero. Entretanto sabemos que eventualmente ocorrem casos de dificuldades na adaptação da criança na família substituta. Não existem bons ou maus pais, assim como não existem filhos bons ou maus. Muitos mitos sobre a adoção interferem nesse processo e podem e devem ser redefinidos e tratados para evitar a cena temida de todos os que trabalham com a adoção: a devolução da criança à Justiça. Os pais devem buscar ajuda se durante o estágio da convivência pensarem que a única solução para sua dificuldade está em devolver a criança. A criança que retorna para a instituição depois de uma adoção frustrada leva na sua bagagem uma grave descrença sobre seu direito a viver em uma família. E esses postulantes guardam um sentimento de impotência e incapacidade no seu desejo de serem pais.

**Formas de demanda** – Para Solange, que faz parte do grupo de apoio Café com Adoção<sup>2</sup>, a construção da relação entre pais e filhos adotivos pode acontecer de diferentes maneiras. Algumas vezes, adultos que não pensavam em adotar se dão conta de que uma criança que está há algum tempo sob seus cuidados é amada como um filho. A partir dessa constatação, buscam a adoção como forma de legitimar uma situação que já existe de fato. Nesses casos, haverá um processo que seguirá um trâmite jurídico, que prevê estudos psicossociais com a família biológica, a criança e a família que deseja adotar. Caso a adoção represente reais vantagens para o adotando, ela é deferida mediante sentença judicial e é emitida uma nova certidão de nascimento com o nome dos adotantes como pais.

Outra situação é quando casais ou pessoas solteiras que sempre sonharam ter um filho se deparam, em determinado momento da vida, com a impossibilidade de gerá-los. Nesses casos, os interessados na adoção participam do procedimento de habilitação. A demanda nesse caso é dirigida a uma criança ainda não conhecida, que será apresentada pelos técnicos do Judiciário ou dos abrigos. Quando o encontro é bem sucedido e existe de ambos os lados o desejo de transformar essa relação numa relação parental, inicia-se o processo de adoção.

Mas de acordo com Solange as motivações podem também ser outras: “Fazer caridade, substituir um filho que faleceu, preencher um vazio ou ainda fazer companhia para uma criança solitária.

Nesses casos, precisamos estar atentos, pois um filho é um projeto de vida. Precisa ser desejado e incluído na dinâmica da família de forma ampla para que a relação parental se estabeleça de forma satisfatória”.

Uma criança que por algum motivo está impossibilitada de ser criada pela família biológica fica sob a responsabilidade do Estado, em abrigos ou lares substitutos. Esgotadas as possibilidades de reintegração à família biológica, essa criança fica disponibilizada para adoção. Para a concretização do processo, é preciso que haja destituição do poder familiar referente aos pais biológicos<sup>3</sup>.

**Conceitos e preconceitos** – Solange Diuana acredita que a escola pode contribuir para desmistificar a questão da adoção, por exercer papel fundamental na formação de conceitos e preconceitos. Segundo ela, a escola pode se comprometer com o estabelecimento de novas formas de olhar para as diferenças, abordando a construção da família de diferentes formas, como inseminação artificial, fertilização *in vitro* e a própria adoção: “Focando a adoção, é oportuno observar que a filiação adotiva é muito mais comum do que podemos imaginar. Acredito que se o tema for trabalhado nas escolas logo sairão do anonimato muitas histórias antes impossibilitadas de serem relatadas”.

Ela recomenda, porém, um certo cuidado para não expor as crianças ou os pais a situações constrangedoras: “Uma mãe relatou que muitas vezes na porta da escola questionavam o fato de sua filha ser muito morena e ela branca. Em outra ocasião insistiam em saber, a cada início de ano, se a criança havia mamado no peito, como tinha sido o parto e a gestação. Essa mãe se sentia exausta tendo que explicar a adoção a cada ano para cada professor. Dependendo da idade da criança na ocasião da adoção, certas perguntas não podem ser respondidas”.

## Encontro debate o tema

O 11º Encontro Nacional de Associações e Grupos de Apoio à Adoção (Enapa) pretende abordar as influências históricas da visão caritativa do ato de adotar, o “pegar para criar”, e a idéia equivocada de que a demora se deve à burocracia da legislação. Para Maria Bárbara Toledo, presidente do grupo de apoio Quintal da Casa de Ana, um dos organizadores do evento, é fundamental a escola se informar e divulgar a nova cultura da adoção: “Para vencer os preconceitos, ajudar seus alunos a serem cidadãos mais conscientes e sensíveis para o tema, e para possibilitar a inclusão desses filhos adotivos, sem qualquer desvio de enfrentamento de situações decorrentes da adoção”. O 11º Enapa acontece de 18 a 20 de maio, em Niterói. Mais informações no [site www.11enapa.com](http://www.11enapa.com), ou na própria página do Quintal: [www.quintaldeana.org.br](http://www.quintaldeana.org.br).

<sup>3</sup> “A relação entre pais e filhos adotivos em nada se difere da relação entre pais e filhos biológicos. As orientações pertinentes às famílias adotivas dizem respeito à garantia da revelação da origem da criança, ao fato de os pais nem se sentirem heróis da adoção esperando recompensas ou gratidão, tampouco agirem com pena de seus filhos adotivos. A adoção é opção, escolha, decisão”.  
Maria Bárbara Toledo

“A adoção é um tema como outro qualquer e deve ser abordado em sala de aula sempre que surgir algo relacionado à família e à filiação. Se as resistências forem enfrentadas e os obstáculos superados, o tema não será mais uma preocupação a ser tratada, pois na diferença encontraremos semelhanças. A diferença, que certamente existe na forma de a criança chegar a essa família, poderá ser vista como um elemento a mais para delinear as individualidades e não como uma deficiência que deva ser tratada”, diz ela.

Para Solange, o nascimento do filho biológico e a chegada de uma criança adotiva na família são marcos na vida de cada personagem dessa história: “Nascer é mais que um processo biológico. Para nos constituirmos como humanos precisamos nascer biológica, social, afetiva e legalmente. Qualquer filho precisa ser afetivamente adotado, pois só assim nos sentimos pertencentes a um determinado grupo e estaremos incluídos numa cultura”. ■

## SAIBA MAIS

### Livros

*Conta de novo – a história da noite em que eu nasci*, de Jamie Lee Curtis (Editora Salamandra)  
*O filho por adoção*, de Lídia Weber (Juruá Editora)

### Filmes

*Stuart Little*  
*Segredos e mentiras*

## Motivo de orgulho



**Marcela Afonso Fernandez, 37 anos, professora e doutoranda em educação, Rio de Janeiro.**

Nasci em Belo Horizonte. Meu pai me pegou na maternidade e me trouxe para o aconchego da família no Rio de Janeiro.

Minha mãe na época teve

problemas de saúde e, por isso, suas irmãs cuidaram de mim para que meu pai pudesse trabalhar. Sinto que desde o início de minha vida, fui acolhida por toda a minha família. Soube da adoção aos quatro anos de idade da maneira mais natural possível. Perguntei a minha mãe, olhando curiosamente uma fotografia de uma mulher grávida: eu saí da sua barriga mamãe? E ela amorosamente me respondeu: “não Marcela, mas é como se tivesse, pois você é minha filhinha e de seu pai”. Se antes eu já me sentia amada por meus pais, depois daquela descoberta eu cresci me sentindo uma menina de sorte, presenteada com o amor incondicional de minha família. Não tenho irmãos. Hoje sinto que sou um motivo de orgulho e de grande alegria para meus pais e me sinto muito feliz por ser plenamente querida e amada.

**Sérgio A. Fagundes Filho, 21 anos, estudante de administração, Rio de Janeiro.**

Nasci em Curitiba e com apenas cinco dias meus pais me trouxeram para morar com eles no Rio de Janeiro. Desde cedo eles já vinham me contando de onde eu tinha vindo, como era minha história, mas com cinco anos foi quando comecei a



entender o que meus pais me diziam. Isto me ajudou muito e nunca tive problemas com isso naquela época, mesmo sendo tão novo. Tenho uma irmã por parte de pai com a qual não tenho muito contato. Minha vida sempre foi e continua sendo muito boa. Hoje, mais velho, posso dizer com firmeza que não faz diferença nenhuma não ter nascido na barriga da minha mãe. Sempre fui muito bem acolhido por todos da minha família e tratado com muito amor e carinho. E me orgulho muito de toda a minha família, principalmente do meu pai, que mora comigo, e da minha mãe, que sempre foi uma batalhadora e fez questão de deixar bem claras as minhas origens, nunca me deixando com dúvidas. Porém, infelizmente, ela faleceu há 10 meses. É engraçado, pois o amor que existia entre a gente era tão grande e tão forte que para mim é como se tivesse nascido da barriga dela.

**Helena de C. Mesquita, estudante, oito anos**

O dia em que eu me encontrei com minha família tão fabulosa eu logo me apaixonei. É ótimo ser adotada porque o amor fica bem quentinho no coração. Eu era uma bebezinha e sentia no meu coração que tinha meu pai, meus irmãos grandes e meu cachorro. O Deus e o juiz fizeram a gente se encontrar porque dentro da barriga da moça, onde eu estava, eu já sabia que vinha *pra* essa casa, que eu era dessa minha família. Quando eu crescer vou pegar as roupas da minha mãe e vou no juiz adotar também, não quero filho que sai da barriga. Mas eu posso querer também. Minha mãe já vai ser uma velhinha, bem vovozinha.



# Tesouro na Zona Portuária

Escola da Rede é uma das vencedoras do concurso Tesouros do Brasil, promovido pelo Iphan

A Escola Municipal Darcy Vargas, localizada no bairro da Saúde, na Zona Portuária do Rio, é uma das quatro vencedoras do concurso Tesouros do Brasil, promovido pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O trabalho *Pedra do Sal – quilombo urbano* foi selecionado entre mais de 1.200 inscritos, num esforço que reuniu cerca de 13 mil estudantes de todo Brasil numa gigantesca pesquisa sobre o acervo natural, artístico, e cultural de suas comunidades, à procura de tesouros ocultos ou que simplesmente teriam ficado despercebidos pelo público. Os 51 melhores projetos foram selecionados por intelectuais e especialistas em história e museologia e serão reunidos em uma publicação especial.

TEXTO

HUGO R.C. SOUZA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

O livro, que levará o nome do concurso, será distribuído em bibliotecas, escolas e museus país afora. Os quatro primeiros colocados receberão um prêmio de R\$ 5 mil que custeará o desenvolvimento do projeto, a fim de dar continuidade à sensibilização da comunidade em relação ao tesouro retratado, com acompanhamento do Centro de Coordenação de Tesouros do Brasil. Além da verba, cada escola receberá um computador e uma impressora, e cada aluno participante ganhará um certificado. O objetivo do concurso é valorizar o patrimônio histórico, natural, artístico e afetivo do Brasil, redescobrimdo o acervo de bens culturais que tenham relevância para a identidade cultural do bairro, cidade ou região.

O patrimônio cultural de um país é formado por bens materiais e imateriais que remetem à identidade e à memória de seu povo. Bens materiais são prédios, construções históricas e intervenções da comunidade sobre o espaço físico. Já os imateriais são conhecimentos enraizados na memória da comunidade através de seu cotidiano ao longo do tempo, e que se reproduzem, por exemplo, através de festas, manifestações artísticas e outros rituais. O concurso, dessa forma, promove a educação patrimonial entre os jovens e possibilita um grande censo das riquezas culturais do Brasil, além de estimular professores e alunos do ensino fundamental e médio a preservarem os tesouros escondidos.

O trabalho da Escola Municipal Darcy Vargas retratou a Pedra do Sal, definida pela comunidade como “quilombo urbano”. O lugar fica no pé do Morro da Conceição, no bairro da Saúde, nas proximidades da Praça Mauá. Ali os negros eram negociados como escravos logo que desembarcavam no Porto do Rio de Janeiro, vindos da África e da Bahia. Hoje, vivem na área famílias descendentes de escravos africanos. Os arredores do Centro do Rio de Janeiro foram cenários do surgimento de grande parte da cultura popular carioca. Ali os escravos sofriram todo tipo de humilhação, violência e foram



Uma visão do alto da região da Pedra do Sal



O Largo da Prinha é uma das regiões retratadas no projeto da equipe da Darcy Vargas

submetidos a trabalhos forçados extenuantes, que puseram à prova sua dignidade individual e de grupo.

Mais tarde, depois das legislações que garantiam sua liberdade formal, os negros fizeram do local seu ponto de encontro para rituais, cultos religiosos e rodas de batuque. Segundo o professor Adelino de Carvalho, coordenador do projeto, a Pedra do Sal foi o berço do samba carioca no final do século XIX e, já no século XX, sambistas famosos como João da Baiana, Donga e Pixinguinha se reuniam ali para fazer suas composições. A pedra leva esse nome porque nas suas imediações o sal era desembarcado e comercializado. A comunidade se autodefine como quilombo urbano porque mesmo antes da abolição da escravatura muitos de seus antepassados garantiram aquele espaço para preservar sua identidade cultural.

“Patrimônio sem educação para o patrimônio se reduz a um culto de objetos desprovidos de sentido. Educar para e com o patrimônio é educar para o reconhecimento de si e do outro, para que cada um se sinta parte de um processo de construção que vai do seu ambiente cotidiano até o seu país”.  
Jurema Machado, coordenadora do setor de Cultura da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Brasil.

Adelino explica a importância de retratar esse patrimônio urbano carioca: “Foi exatamente na Zona Portuária que surgiu, depois da Abolição, a Pequena África, um ambiente inesperadamente autônomo e peculiar, em que o negro afirmou sua liberdade e recriou sua cultura. Assentada misticamente na Pedra do Sal, a Pequena África era uma cidade negra que, empurrada pela reforma urbana no início do século XX, se estendeu até a Cidade Nova. O termo quilombo não se refere a resquícios arqueológicos de uma ocupação do passado, mas sim à materialização da resistência de um povo que se mantém até os dias atuais”.

Segundo o professor da escola Darcy Vargas, o desenvolvimento do trabalho levou os alunos a reconhecerem o valor histórico-cultural do próprio bairro, consolidado ao longo do ano por manifestações populares como a lavagem da Pedra do Sal, os blocos de carnaval e as rodas de capoeira: “Eles foram despertados para a importância das relações interpessoais, do trabalho em grupo, do significado de sociedade e de comunidade. Muitos desconheciam sua própria história, a de seus antepassados, de seus vizinhos, e as dores e alegrias vividas e registradas ali através da cultura ao longo do tempo”. ■

#### SAIBA MAIS

Tesouros do Brasil  
[www.tesourosdobrasil.com.br](http://www.tesourosdobrasil.com.br)

# Forma lúdica de aprender

## SAIBA MAIS

*Giramundo* n.º 4  
(Amarelinha/geometria);  
n. 5 (Com os recursos sempre à  
mão – jogos com calculadora)

Como tornar o ensino da matemática palatável para alunos que se mostram dispersos em sala de aula? Através dos jogos, que além de divertidos são também uma valiosa ferramenta para a aprendizagem. Foi o que descobriu a professora Simone Ferreira Vilela, (foto) da E. M. Pastor Miranda Pinto (3ª CRE), no bairro do Cachambi, Zona Norte da cidade. Ela os utiliza em suas turmas de 5ª série para transformar o ensino da disciplina em uma atividade lúdica e divertida que facilita a relação entre o professor e a turma. A professora enumera as vantagens. “Posso introduzir conteúdos através dos jogos ou então aproveitar os conceitos que os alunos já aprenderam e construir outros novos. Além disso, eles aprendem a relacionar os conceitos matemáticos envolvidos nos jogos”.

Os jogos ajudam a tornar os alunos mais disciplinados, pois é preciso estabelecer regras que devem ser seguidas para que possam alcançar o objetivo final, que é ganhar. Também são importantes para a socialização, pois os jogadores precisam trabalhar em equipe e dividir tarefas em vários deles. Não basta apenas saber matemática para obter êxito.

### TEXTO

FABIO ARANHA

### FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

**Reviravolta**– Simone sempre utilizou os jogos em suas aulas de matemática em diferentes séries, mas optou por usá-los de forma sistemática no ano passado, quando teve de lidar com uma classe de 5ª série particularmente difícil. “Era uma turma que tinha um problema de disciplina muito grande. Eles eram muito agitados, dispersos e brigavam demais. Resolvi utilizar os jogos e foi um sucesso. A turma passou a render muito mais, e eles a participar mais da aula e a avançar no conteúdo. Foi ótimo”, comenta. A professora usa dominó e jogo da memória com símbolos matemáticos para trabalhar formas, figuras geométricas e operações matemáticas. Além disso, recorre ao tamgran, um milenar quebra-cabeças chinês composto por sete figuras geométricas que podem ser reorganizadas para formar outras figuras. Com ele, o professor diferencia, por exemplo, as figuras planas das não planas. Existem vários tipos de tamgran, agrupando diferentes figuras. Para criar novas formas é preciso ter muita criatividade.

Outro jogo usado em sala de aula é o Palavra Secreta. A turma é dividida em grupos e cada um deles seleciona um envelope que contém uma palavra oculta. Para decifrá-la é preciso fazer uma série de contas. O resultado de cada operação está relacionado a um código que, decifrado, revela a palavra oculta. “Podemos trabalhar qualquer noção matemática: adição, subtração, raiz quadrada, potência, equação, números inteiros”. Há também jogos individuais, como o de múltiplos e divisores. Para jogá-lo, os alunos precisam decifrar um código para completar um quadro. Ao decifrar o código, aprendem conceitos de números múltiplos, divisores e primos.

Os alunos confeccionam as peças e criam jogos em grupo. Eles também opinam sobre o conteúdo. No ano passado, deram a idéia de fazer jogos da memória com perguntas e respostas. Este ano, a professora vai novamente empregá-los no ensino de matemática na 5ª série. “Eles aproximam os conteúdos da vivência dos alunos. Têm se mostrado uma excelente ferramenta didática. Os resultados são animadores”, conclui. ■





# Histórias que viram livros

Quem esteve na E. M. Soares Pereira na noite de 22 de março presenciou uma cena digna das grandes livrarias do Rio. Mesas alinhadas, com autores autografando livros, discursos de convidados, conversas animadas no salão, enfim, uma badalação só. Toda essa produção teve uma razão especial: o lançamento do segundo volume do livro *Tudo vira história*, uma produção feita com textos, desenhos e depoimentos dos próprios alunos e editado pela escola.

A publicação dos dois volumes é um desdobramento do projeto político-pedagógico anual da escola. A primeira edição foi lançada no ano passado, com trabalhos compilados pelos professores ao longo de 2004 e refletiu o tema Ler, escrever e pensar. Já o livro deste ano reúne textos de 2005 e trabalhou dois temas: Este é o meu país e Paz. A idéia surgiu com o objetivo de promover a leitura e a escrita entre os alunos. A intenção é valorizar essas atividades, entendendo-as como necessárias ao

progresso humano e não apenas como meras obrigações escolares.

O projeto pretende retratar a produção do dia-a-dia da escola e busca o resgate da auto-estima dos alunos, 80% deles provenientes das comunidades da Formiga, Casa Branca e Caixa D'Água, todas na Tijuca. "Atendemos a oito comunidades, inclusive a algumas em que há facções inimigas. Por isso, temos que ter estratégias para mostrar aos alunos que é possível eles se unirem em coisas positivas. Isso é muito importante", frisa a diretora Maria Célia Moreira de Araújo (na foto de blusa branca).

**Contribuição** – A coordenadora do projeto, Maria Vilani Alencar (foto), afirma que havia na escola uma tradição de se lerem apenas os textos dos bons alunos, com a qual a atual equipe rompeu. "Nós queremos que todos participem. Não fazemos concurso para eleger os melhores textos. O objetivo é fazer com que os alunos se expressem. Alguns escrevem apenas fragmentos, às vezes os ▶

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

textos são simples, mas tudo bem. O importante é que os alunos contribuam de alguma forma. Participar do livro significa muito para eles”, ressalta. Com esses princípios em mente os professores se limitam a apenas fazer correções de ortografia e concordância nos textos, tendo o cuidado de não reescrevê-los para que retratem com a maior fidelidade possível o pensamento dos alunos.

A publicação de livros vem surtindo efeitos positivos. O projeto ajuda os alunos a superar o medo de escrever, fazendo com que se soltem mais e se empolguem na hora de fazer os trabalhos. “Eles se sentem mais à vontade ao saber que o que fazem terá uma boa receptividade. Recentemente, eles escreveram sobre a viagem do astronauta brasileiro [Marcos Pontes] ao espaço e fiquei surpresa com a desenvoltura”, ressalta Maria Vilani Alencar.

O livro serve como incentivo para as famílias se voltarem à leitura e à escrita, é uma forma de a leitura chegar às comunidades atendidas pela

escola. É também importante para que os responsáveis vejam a importância de seus filhos estarem na escola, de saberem ler e não faltarem às aulas.

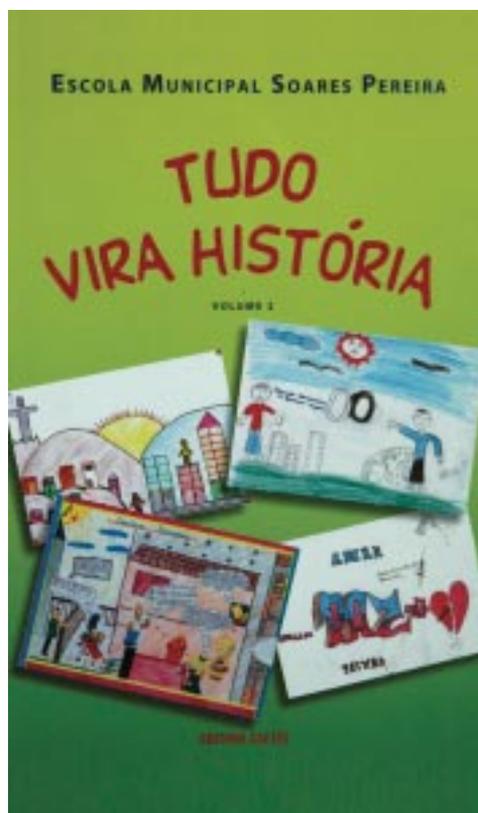
**Motivação** – A perspectiva de ver o trabalho publicado vem motivando os estudantes. Desde o lançamento da última edição, o livro não pára nas estantes da sala de leitura. “Está sendo tomado emprestado constantemente, eles dão a maior importância. Por saber da possibilidade de estarem presentes no próximo volume, eles se motivam a escrever”, ressalta a professora responsável pelo espaço, Andréia Mata.

A aluna da 6ª série Ana Carolina Andrade Viana, que contribuiu com um depoimento para o volume recém-lançado, gostou muito dos textos e desenhos que falam sobre desigualdade social, especialmente os que discutem a divisão entre morro e asfalto. “Na escola, uns moram no morro e outros no asfalto e somos amigos. O livro mostra que não é preciso ter essa divisão”, explica.

Já Airton Sena de Jesus Almeida, aluno da 5ª série, fez um desenho sobre a importância de conservar a natureza e quer passar a mensagem adiante. “Sem ela não seríamos nada. Espero que outras pessoas vejam o meu desenho e entendam o quanto a natureza é importante”, afirma.

**Nova edição** – O livro *Tudo vira história* não funciona apenas como vitrine para a produção dos alunos. É empregado também em sala de aula como material de apoio à leitura, de discussão sobre a escrita e como incentivo à criação de novos textos. Dando seqüência ao trabalho, os alunos do segundo segmento terão oficinas para aprender a reescrever textos de forma a remover palavras repetidas, corrigir ortografia e usar o dicionário, entre outras habilidades.

Para 2006 a escola planeja uma nova edição do *Tudo vira história*. “Queremos aprimorar cada vez mais o projeto. O tema de 2006 é Identidade, sentimentos e valores e pretende discutir a importância da construção da identidade de cada um. O livro está sendo um instrumento muito forte na escola”, enfatiza a coordenadora pedagógica Mônica Cavazzani. ■



# Trilha de história e riqueza

O Caminho dos Jesuítas possibilitou a ligação do Centro do Rio com o bairro de Santa Cruz



Os cariocas que hoje passam pela Avenida Dom Hélder Câmara ou pela Estrada Intendente Magalhães, nas zonas Norte e Oeste do Rio, não têm idéia do seu valor histórico. Automóveis, ônibus e caminhões que trafegam por ali estão percorrendo na verdade um trecho do antigo Caminho dos Jesuítas. Aberta em meados do século XVII, a trilha ligava a cidade ao “sertão”, como se dizia à época, a partir da Fazenda de Santa Cruz.

Chamava-se dos Jesuítas porque estava sob constante vigilância dos padres e de autoridades. Ligava a fazenda ao Colégio Jesuítico, situado no antigo Morro do Castelo, sede da cidade, e um dos quatro existentes no Centro do Rio. O morro ficava próximo aos de Santo Antônio, São Bento e da Conceição. Ocuparia hoje o espaço compreendido entre as ruas São José, Santa Luzia, México e Largo da Misericórdia. As viagens dos padres jesuítas à região, que hoje é o bairro de Santa Cruz, eram freqüentes. Da fazenda vinham os produtos agropecuários consumidos na cidade.

O valor histórico da via remonta à segunda invasão francesa ao Rio, em 1710, quando uma tropa de 1.050 corsários franceses desembarcada em Guaratiba seguiu por Jacarepaguá, entrou pela atual Avenida Dom Hélder Câmara (chamada

por muito tempo de Avenida Suburbana) e chegou à cidade pela retaguarda, passando pelos Engenhos Velho, Novo e de São Cristóvão, administrados pelos padres jesuítas, hoje a região que se estende da Tijuca ao Méier.

As terras da região de Santa Cruz chegaram as mãos do capitão-mor Cristóvão Monteiro, como prêmio por sua participação na expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, em 1567. Foi ele o primeiro dono e quem povoou a região. Com a sua morte, a viúva, Marquesa Ferreira, doou a propriedade aos jesuítas, que se comprometeram a encomendar a alma dos doadores.

Os terrenos passaram a pertencer à Companhia de Jesus em dezembro de 1589. Agregada a outras sesmarias, a região recebeu o nome de Fazenda de Santa Cruz, já que em seu solo fora fincada uma cruz de madeira. Sete anos depois, iniciou-se a primeira medição das terras. A fazenda corresponderia ao que é hoje o espaço ocupado por Guaratiba, passando pelo município de Mangaratiba, na Costa Verde, e chegando até a cidade de Vassouras no sul do estado. A propriedade era uma das mais prósperas do Brasil Colônia, chegando a abrigar uma igreja e um convento em que os padres jesuítas se recolhiam. ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

REPRODUÇÕES DE PINTURAS E FOTOS DO ACERVO DO CENTRO CULTURAL DE SANTA CRUZ, POR ALBERTO JACOB FILHO

## SAIBA MAIS

Site do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro  
(www.quarteirao.com.br)  
FREITAS, Benedicto. *Santa Cruz, fazenda jesuítica, real e imperial.*  
NOPH – Núcleo de Orientação e Pesquisa de Santa Cruz

Para promover melhorias na fazenda e abrir o Caminho dos Jesuítas, os padres utilizaram mão-de-obra de índios e de escravos, que tiveram de enfrentar as condições impróprias da região, repleta de abismos, terrenos alagadiços, cobras venenosas, onças e outros perigos recorrentes. A via, muito estreita e sinuosa, entre matas espessas, não foi alterada no seu desenvolvimento topográfico – apenas seccionada em alguns trechos.

**Em busca do ouro**– Chamado também de Caminho dos Padres e Caminho das Minas, a trilha foi também utilizada por aventureiros e contrabandistas de ouro e diamantes, que se embrenhavam mato adentro por veredas e picadas, para fugir da vigilância. Uma vertente da trilha ia dar no Curral Falso, em Santa Cruz, e daí em Sepetiba, que era o porto do qual se embarcava com destino a Parati – onde realmente começava a caminhada para as jazidas das Minas Gerais, pela Estrada Real.

Em 1759, os jesuítas foram expulsos do Brasil e a Fazenda Santa Cruz e outras pertencentes à Igreja foram incorporadas à realeza de Portugal e subordinadas aos vice-reis. Assim, o nome Caminho dos Jesuítas foi trocado para o de Estrada Real de Santa Cruz. A denominação Estrada Real passou a se referir às vias, que pela sua antiguidade, importância e natureza eram propriedade da Coroa. Durante todo o

século XVIII, e também parte do XIX, quando a era de mineração acabou no país e os caminhos se tornaram livres, as estradas reais passaram a ser os principais troncos viários do Centro-Sul brasileiro.

Em 1827, foram instalados 12 marcos de pedra ao longo da Estrada Real, definindo as 11 léguas de distância entre o antigo Morro do Castelo e o Palácio Imperial de Santa Cruz. O Marco Onze pode ser visto até hoje. Está localizado na bifurcação da Avenida Isabel e a Rua Felipe Cardoso, no centro de Santa Cruz. Há dúvidas sobre a utilidade desses marcos – se serviam como delimitadores de áreas de livre circulação do imperador, se eram demarcadores da estrada para fins de administração ou meros avisos para informar os viajantes sobre a distância percorrida desde o Marco Zero, fincado no Centro do Rio.

Outra versão para a trilha ter sido chamada de Caminho das Minas diz respeito ao seu prolongamento depois de Santa Cruz. Pelo Caminho do Curtume até a Ponte dos Jesuítas (na época, Ponte do Guandu), e de lá prosseguindo por uma trilha, se chegava até o Caminho Velho, roteiro de um lendário eldorado na montanha. Diz-se que ficou conhecido por Caminho das Minas do Guandu, porque havia um rico veio aurífero nas vertentes da serra. ■

## O caminho hoje



Quem quiser percorrer o Caminho dos Jesuítas vai encontrar um cenário muito diferente do existente à época do Brasil Colônia. A longa trilha começa no bairro de São Cristóvão, pela Rua São Luiz Gonzaga, segue pela Avenida Dom Hélder Câmara, continua pela Estrada Intendente Magalhães e Avenida Santa Cruz e, em seguida, pela Avenida Cesário de Melo e Largo do Curral Falso, já no bairro de Santa Cruz. Segue pela Rua Felipe Cardoso e, finalmente, chega onde ficava a antiga residência da Fazenda de Santa Cruz, atualmente Batalhão-Escola de Engenharia Villagran Cabrita, território do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro.

Hoje é possível fazer o percurso de carro em menos de duas horas. Mas na época em que foi construído o Caminho dos Jesuítas, o trajeto era feito em três dias. O superior da Fazenda saía de Santa Cruz no primeiro dia do ano, no segundo pernoitava na Quinta do Colégio, em São Cristóvão e, no terceiro dirigia-se ao Colégio da Ordem, na Cidade. Isto se o tempo estivesse favorável, sem as chuvas que frequentemente costumavam cair na região.

# Yes, nós temos Braguinha

Perto de completar 100 anos de idade, compositor é uma referência viva no cenário da MPB

Ele não lê música e só compõe de ouvido. Também não toca qualquer instrumento. Mas é autor de sucessos como *Carinhoso*, *Chiquita Bacana* e *As pastorinhas*. Sua discografia completa, que inclui versões e músicas infantis, passa dos 420 títulos e é uma das maiores e de mais sucesso de nossa música popular.

Carlos Alberto Ferreira Braga nasceu no Rio de Janeiro em 29 de março de 1907. Passou a infância na Gávea e depois em Vila Isabel, onde seu pai era diretor da fábrica de tecidos Confiança. Braguinha, como era chamado, cantava desde criança, acompanhado ao piano pela avó. Fez os primeiros estudos em escola pública; passou para o Colégio Santo Inácio e depois para o Batista Shepard. Ali formou o grupo musical Flor do Tempo, que contou posteriormente com Henrique Foréis, o Almirante, pandeirista e também morador de Vila Isabel.

O Flor do Tempo passou a tocar em festas familiares e a fazer shows. Com o sucesso, o grupo se profissionalizou: mudou a formação inicial e o nome, surgindo então, em 1929, o Bando de Tangarás, ao qual se juntou Noel Rosa, outro jovem morador de Vila Isabel. Na primeira gravação do grupo Braguinha adotou o pseudônimo de João de Barro, já que o pai não queria o nome de família envolvido com música popular.

Estreou como solista em disco interpretando *Cor de prata* e *Minha cabrocha*, duas composições de Lamartine Babo. Depois desistiu da carreira de cantor e se lançou compositor, com *Dona Antonha*, gravada por Almirante para o carnaval de 1930. Três anos depois, consagrava-se como um dos grandes nomes da MPB com as marchas *Trem blindado* e *Moreninha da praia*, também lançadas por Almirante para o carnaval. O Bando dos Tangarás se desfez em 1933, mas foi durante sua existência que a carreira de Braguinha se consolidou. Ele fez parte da geração que cantou e encantou na chamada Era de Ouro (1930-42) do carnaval brasileiro.

Em 1934, conheceu Alberto Ribeiro, seu maior parceiro, e Wallace Downey, um americano que o conduziu para o cinema e para a indústria de discos. No cinema atuou como roteirista e assistente de direção em filmes pouco conhecidos do público nos estúdios da Cinédia. Com Alberto Ribeiro, escreveu argumentos e fez composições para a trilha sonora de filmes como *Alô, Alô, Brasil* e *Estudantes*, cujo personagem principal foi estrelado por Carmem Miranda.

Atuou como diretor artístico da gravadora Columbia, no Rio de Janeiro, participando da escolha de repertório e do elenco contratado. Mas continuou a compor, destacando-se o inesquecível *Carinhoso*, de 1937, com Pixinguinha, um de seus maiores sucessos internacionais, e *Sonhos azuis*, em 1936, com Alberto Ribeiro. Em 1938, casou-se com Astréia Cantolino. Tiveram uma única filha, Maria Cecília, três netos e seis bisnetos. Naquele mesmo ano, três marchinhas suas imortalizaram-se: *Pastorinhas*, com Noel Rosa, *Touradas em Madri* e *Yes, nós temos bananas*. Ainda em 1938 foi um dos responsáveis pela dublagem do primeiro desenho animado da história do cinema: *Branca de Neve e os sete anões*, de Walt Disney. Também dublou as versões cinematográficas brasileiras de *Pinóquio* (1940), *Dumbo* (1941) e *Bambi* (1942). Na época, ficou tão envolvido com histórias infantis que escreveu, adaptou e musicou *Os três porquinhos*, *Festa no céu*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A cigarra* e *a formiga*, entre outras.

Em 1984 Braguinha inspirou o enredo da Mangueira, campeã naquele ano. Hoje, aos 99 anos, a influência de sua música ainda é forte, como podem atestar as homenagens a ele prestadas ■

TEXTO

JOANNA MIRANDA (PEDAGOGA DO NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO)

FOTO

REPRODUÇÃO DE ALBERTO JACOB FILHO



### Porcelana japonesa

O Centro Cultural Banco do Brasil promove até o dia 21 de maio a exposição *Cerâmica e porcelana do Japão – a geração emergente*. Os trabalhos mostram o olhar de jovens artistas daquele país com foco no tema vasilhas. O objetivo é refletir sobre a variedade e riqueza de influência da tradicional cultura japonesa no trabalho de artistas contemporâneos. **Centro Cultural Banco do Brasil**  
Rua Primeiro de Março, 66, Centro, sala 26, 4º andar  
Informações: 3808-2020.

### Curso de astronomia

A Fundação Planetário abre inscrições no dia 15 de maio para seu curso Sistema Solar, que vai abordar temas como cometas e asteróides, órbitas planetárias e constituição física e química dos planetas e suas luas. As aulas serão ministradas entre os dias 22 e 26 de maio, das 19h30 às 21h, pelo astrônomo Domingos Bulgarelli, bacharel em astronomia pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em comunicação e semiótica pela PUC/SP. O custo é de R\$ 75, incluindo material didático e certificado. **Fundação Planetário**  
Rua Vice Governador Rubens Berardo, 100, Gávea.  
Informações: 2274-0046.

### Inspiração em Ary

O Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil apresenta a exposição *Meu Brasil brasileiro*. A mostra é inspirada nas letras de duas das canções do compositor e radialista Ary Barroso: *Aquarela do Brasil* e *No tabuleiro da baiana*. Os visitantes poderão conferir os quadros, todos eles trabalhos de arte naïf, até junho deste ano. **Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil**  
Rua Cosme Velho, 561, Cosme Velho  
Informações: [www.museunaif.com.br](http://www.museunaif.com.br) ou pelo telefone 2205-8612.

### Apoio à adoção

Estão abertas as inscrições para o 11º Encontro de Apoio à Adoção, que vai acontecer de 18 a 20 de maio. O evento deste ano trata do tema Adoção: Um Destino na Sua Mão e será realizado no **Teatro da UFF** (Universidade Federal Fluminense), na Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí. O público poderá assistir a diversas palestras, dentre elas, A importância da Magistratura e do Ministério Público na Garantia do Direito à Convivência Familiar e Comunitária. Os interessados poderão se inscrever pelo *site* [www.11enapa.com](http://www.11enapa.com)

### Visita ao Centro do Rio

Interessados em conhecer pontos históricos do Centro do Rio podem fazer o passeio (Re)conhecendo o Centro do Rio a pé, com o aluno-bolsista Ivo Venerotti, orientado pelo professor do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) João Batista de Mello. O passeio é realizado no primeiro domingo de cada mês a partir das 9h. A iniciativa faz parte do projeto de extensão da universidade Roteiros Geográficos do Rio. Mais detalhes e inscrições pelo endereço eletrônico [roteirosgeorio@uol.com.br](mailto:roteirosgeorio@uol.com.br)

### Santos Dumont

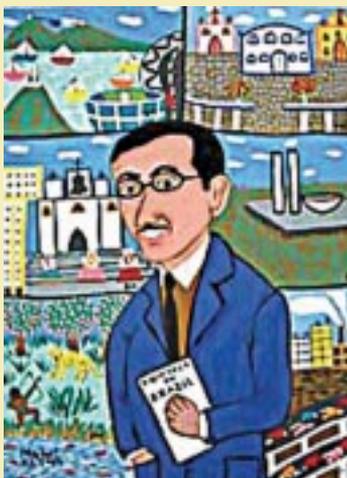
A Casa da Ciência da UFRJ apresenta o ciclo de palestras Santos Dumont Para Poetas até 23 de maio, às terças-feiras, das 18h30m às 20h. O evento faz parte das comemorações do centenário do voo do *14 Bis*. No dia 9 de maio haverá a mostra de vídeos Na Tela com Dumont. No dia 16, será a vez da palestra de Nelson Studart, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com o tema Tirando as Asas do Chão – a Física do Voo e, para encerrar o ciclo, será apresentada a palestra Santos Dumont Designer, com o arquiteto e artista plástico Guto Lacaz. **Casa da Ciência/ Centro Cultural de Ciência e Tecnologia/UFRJ**  
Rua Lauro Müller, 3, Botafogo.  
Informações e inscrições: 2542-7494 [www.casadaciencia.ufrj.br](http://www.casadaciencia.ufrj.br)

### Festival de teatro

A Universidade Veiga de Almeida está com inscrições abertas até o dia 31 de maio para o XII Festival de Teatro do Rio. O evento tem como objetivo incentivar novos talentos e a produção cultural. Os espetáculos selecionados concorrerão às categorias de melhor ator e melhor atriz, figurino, adaptação, montagem, entre outras. Os interessados devem procurar o Centro Cultural da universidade, na Rua Ibituruna 108, Vila Universitária, Casa 11, Tijuca, ou se inscrever pelo *site* [www.uva.br](http://www.uva.br)

### Concertos da OSB

A Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) programou para o dia 27 de maio, às 16h, um espetáculo da série Topázio Vespéral, que contempla obras de diferentes épocas e convida solistas e regentes de diversas expressões. Neste espetáculo, a regência é do maestro Alastair Willis, em concerto duplo para violino e violoncelo. **Teatro Municipal do Rio de Janeiro**, Cinelândia, Centro.  
Informações: 2299-1711, 2262-3935, 2299-1633, das 10h às 18h.



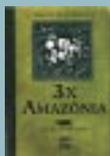


De 27 a 30 de março aconteceu na cidade de Bolonha, Itália, a 43ª Feira do Livro Infantil, um dos mais importantes eventos dedicados à indústria de multimídia e publicações para crianças. Este ano, a escritora brasileira Laura Sandroni foi agraciada com o título de membro honorário do International Board on Books for Young People (Ibby), organização internacional não

governamental que incentiva a publicação de livros infantis em todo o mundo. O órgão congrega 64 países, inclusive o Brasil, que é representado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Laura, primeira latino-americana a fazer parte deste grupo de honoráveis, foi a criadora, em 1968, da FNLIJ, instituição que dirigiu por 16 anos, e cujo objetivo é a promoção da leitura e a divulgação de livros de qualidade para crianças e jovens. A FNLIJ possui o maior acervo de obras infanto-juvenis da América Latina e hoje é dirigida por Elizabeth Serra. Todos os anos, a equipe da FNLIJ prepara um catálogo para a Feira, com uma seleção da produção nacional inédita de literatura infanto-juvenil. Confira aqui alguns desses títulos.

## Livros

### Ficção para crianças



- *3 x Amazônia*  
Tiago de Melo Andrade, Editora DCL
- *Uma ameaça de morte*

Fernando Sabino, Editora Rocco

- *Brasil em preto e branco*  
Denise Rochael, Editora Cortez
- *Cacoete*  
Eva Furnari, Editora Ática
- *Carona no jipe*  
Roseana Murray, Editora Salamandra
- *Cartas lunares*  
Rui de Oliveira, Editora Record
- *Um garoto chamado Rorbeto*  
Gabriel, o pensador, Editora Cosac Naify

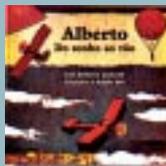
### Ficção para jovens

- *Beatriz em trânsito*  
Eloi Elisabete Bocheco, Editora Nova Prova
- *No caminho dos sonhos*  
Moacyr Scliar, Editora Ática
- *O encanto da lua nova*  
Alonso Alvarez, Editora Manuela



### Não ficção

- *Alberto, do sonho ao voo*  
José Roberto Luchetti, Editora Scipione
- *A infância de Graciliano Ramos*  
Audálio Dantas, Editora Callis
- *A infância de Tarsila do Amaral*  
Carla Caruso, Editora Callis



### Poesia



- *Declaração de amor.*  
*Canção de namorados*  
Carlos Drummond de Andrade, Editora Record
- *Minimas descobertas*  
Elias José, Editora Paulus
- *Pé de sapo e sapato de pato*  
Bartolomeu Campos de Queirós, Editora do Brasil
- *Pêra, uva ou maçã?*  
Roseana Murray, Editora Scipione

### Livros sem textos

- *Tô dentro, tô fora*  
Alcy, Formato Editorial



- *O rouxinol e o imperador*  
Hans Christian Andersen, Taísa Borges

### Histórias recontadas:

- *Contos de encantos, seduções e outros quebrantos*  
Rogério Andrade Barbosa, Editora Bertrand Brasil
- *O homem que contava histórias*  
Rosane Pamplona, Editora Brinque Book
- *O jogo da parlenda*  
Heloisa Pietro, Companhia das Letrinhas
- *A semente que veio da África*  
Heloisa Pires de Lima, Georges Gneka, Mário Lemos, Editora Salamandra



canal	horário	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
<b>BandRio</b>	14h-14h30	<b>Crônicas da minha escola</b> Série sobre Educação <b>Acevo MULTIRIO</b>	<b>Br@nché</b> (Língua Francesa) <b>Memórias Cariocas*</b> <b>Gerúndio e Cacófato*</b>	<b>Nós da Escola</b> Temas: Machado de Assis, Saúde da voz, entre outros.	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Bia Bedran, Gutí Fraga, entre outros.	<b>O mundo secreto dos jardins</b> Série sobre os habitantes desse ambiente	9h-9h30 <b>Abrindo o Verbo</b> Temas: Leitura, Artes do espetáculo, entre outros.	<b>Juro que vi</b> (exceto no dia 7)** <b>Aventuras Cariocas</b>
	14h30-15h	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h <b>Natureza e tecnologia</b> Série que relaciona o mundo natural com as invenções humanas	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Bia Bedran, Gutí Fraga, entre outros.
<b>Net - canal 14</b>	7h30-8h	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados (exceto no dia 14)**
	8h-8h30	<b>Séries e documentários</b> Expresso Brasil Aqui no meu país Olho vivo É tempo de diversão	<b>Cara de Criança</b> Programas infantis: O mundo encantado de Richard Scary Meu pequeno planeta O divertido mundo dos bichos	<b>Séries e documentários</b> Arte e Matemática É tempo de diversão Escritores, testemunhas do seu tempo	<b>Séries e documentários</b> Mesa Brasileira Olho Vivo	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>Cara de Criança</b> Programas infantis: O mundo encantado de Richard Scary Meu pequeno planeta O divertido mundo dos bichos	<b>Mesa Brasileira</b> Série sobre cultura e hábitos alimentares
	8h30-9h	Escritores, testemunhas do seu tempo	Lucas e Lucinda Malilda	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: Leitura, Artes do espetáculo, entre outros.	<b>Nós da Escola</b> Temas: Machado de Assis, Saúde da voz, entre outros.	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Bia Bedran, Gutí Fraga, entre outros.	Lucas e Lucinda Malilda	<b>Atletas do Rio*</b> <b>Gerúndio e Cacófato*</b> <b>Memórias Cariocas*</b> <b>Aventuras Cariocas</b>
	9h-9h30			<b>Aqui no meu país</b> Série sobre curiosidades culturais	<b>Arte e Matemática</b> Série que relaciona as duas áreas	<b>Olho Vivo</b> Série sobre Ciência e História Natural		<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: Leitura, Artes do espetáculo, entre outros. (exceto no dia 14)**
	9h30-10h							<b>Nós da Escola</b> Temas: Machado de Assis, Saúde da voz, entre outros.
	10h-10h30	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>Noah e Saskia</b> Série australiana	<b>Atletas do Rio*</b> <b>Gerúndio e Cacófato*</b> <b>Memórias Cariocas*</b> <b>Aventuras Cariocas</b>	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>Expresso Brasil</b> Série sobre cultura e turismo	<b>Noah e Saskia</b> Série australiana	<b>Cantos do Rio</b> MPB
	10h30-11h	<b>Acevo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acevo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acevo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acevo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acevo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acevo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Bia Bedran, Gutí Fraga, entre outros. (exceto no dia 14)**
11h-11h30	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar (exceto no dia 8)**	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>O mundo secreto dos jardins</b> Série sobre os habitantes desse ambiente
<b>Net Educação</b>	12h-12h30	<b>Reflets- Curso de Francês</b> <b>Gerúndio e Cacófato*</b>	<b>Reflets- Curso de Francês</b> <b>As formas do invisível</b>	<b>Reflets- Curso de Francês</b> <b>Gerúndio e Cacófato*</b>	<b>Reflets- Curso de Francês</b> <b>As formas do invisível</b>	<b>Br@nché</b> (Língua Francesa) <b>Gerúndio e Cacófato*</b>	<b>** Programas especiais:</b> <b>BandRio</b> – Dia 7, das 9h às 9h15 – É tempo de diversão; dias 14, 21 e 28, das 9h às 9h15 – O Curupira, O Boto e Iara, respectivamente. <b>Net Canal 14</b> – Dia 8, das 11h às 11h30 – Brasil em movimento, parte V; dia 14, das 7h30 às 8h – Os contos de Oscar Wilde – O rouxinol e a rosa; das 9h às 9h30 – Um dividido por dois; e das 10h30 às 11h – Showa Shiruan, Os amigos de Kwan Ming e Jantar para dois.  Para mais informações, consulte <a href="http://www.multirio.gov.br">www.multirio.gov.br</a> .	
	12h30-13h	<b>Arte e Matemática</b> Série que relaciona as duas áreas	<b>Mesa Brasileira</b> Série sobre cultura e hábitos alimentares	<b>Olho Vivo</b> Série sobre Ciência e História Natural	<b>Atletas do Rio*</b> <b>Gerúndio e Cacófato*</b> <b>Memórias Cariocas*</b> <b>Aventuras Cariocas</b>	<b>Aqui no meu país</b> Série sobre curiosidades culturais		
	13h-13h30	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Bia Bedran, Gutí Fraga, entre outros.	<b>O mundo secreto dos jardins</b> Série sobre os habitantes desse ambiente	<b>Crônicas da minha escola</b> Série sobre Educação	<b>Crônicas da minha escola</b> Temas: Leitura, Artes do espetáculo, entre outros.	<b>Nós da Escola</b> Temas: Machado de Assis, Saúde da voz, entre outros.		
	13h30-14h	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados		

\*Interprogramas MULTIRIO - Atletas do Rio (Jovens e esportes), Gerúndio e Cacófato (Dicas de Português), Memórias Cariocas (Histórias do Rio).  
Programação sujeita a alterações.

## PROGRAMA COZINHEIRAS COMUNITÁRIAS.

### UMA OBRA FUNDAMENTAL, QUE NÃO USA UM PINGO DE CIMENTO.

*2 refeições diárias  
por apenas 50 centavos!*

*Cozinheiras Comunitárias é um Programa da Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro, que instala nas comunidades cozinhas e refeitórios, com capacidade para servir 200 refeições por dia.*

*Por apenas R\$ 0,50 os moradores contam com o café da manhã, composto de suco, café com leite, pão e manteiga, e almoço, onde são servidos carne, legume, arroz, feijão e uma sobremesa de fruta ou doce, que podem ser consumidos no local ou levados numa quentinha.*

*Para a instalação de uma cozinha, a comunidade propõe à Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro o local onde ela será instalada.*

*Uma equipe de especialistas da Obra Social faz uma avaliação das adaptações a serem realizadas. Com o apoio da iniciativa privada e da Prefeitura do Rio, são feitos os reparos necessários e fornecidos todos os equipamentos essenciais para o funcionamento da cozinha e do refeitório.*

*É ainda atribuição da Obra Social fornecer os mantimentos e enviar mensalmente um cardápio, elaborado pela nutricionista do Programa. A nutricionista cuida também de treinar as cozinheiras, aplicando um curso de noções gerais de alimentação e higiene alimentar, além de manter uma visita semanal para supervisionar as instalações.*



*Foram servidas mais de 2 milhões de refeições por apenas R\$ 0,50 cada desde a criação do Programa, em abril de 2002, até março de 2006.*



*Dayana e seu filho de 18 meses, na Unidade de Praia da Rosa.*



*Moaçir Domingues da Costa não acredita quando pagou apenas R\$ 0,50 pela refeição. Ia só tomar o café, mas decidiu comer o almoço já na esbaldagem. "Hoje procuro trabalhar mais confiante, depois desta refeição".*



*Maria Sebastiana é uma das cozinheiras da Unidade de Duque.*

# OBRA DE CONTENÇÃO

*O atendimento é feito entre 5 e 7 horas da manhã, horário que permite aos estudantes e outros membros da comunidade seguirem alimentados para suas atividades.*

*O Programa também proporciona uma fonte de renda para as cozinheiras residentes nas comunidades, que se empregam nas cozinhas.*

*Toda a renda obtida na venda das refeições é revertida para a própria comunidade, sendo utilizada para remuneração das cozinheiras e na manutenção da cozinha.*

*O Programa, que já dispõe de 23 refeitórios, recebe, através da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura do Rio, apoio do Governo Federal, que o está indicando para aplicação em outros municípios.*

## da desnutrição



*O estudante Marco Antonio Nascimento e Silva fez sua primeira refeição. "Estou realizado com o papel importante de minha comunidade. Dito isto de parabéns".*

QUALIDADE DE VIDA É A NOSSA OBRA

**Obra Social**

DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO



[www.obrasocial-rj.org.br](http://www.obrasocial-rj.org.br)

# Obra Social



## NÓS DA ESCOLA

No próximo número:

**Futebol e Identidade Nacional**

RIO

**PREFEITURA**

EDUCAÇÃO

MULTIRIO

central de atendimento: (XX21)2528 8282 • [ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br](mailto:ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br)